BERTOLT BRECHT

MAE CORAGEM
E SEUS FILHOS

TEATRO

UMA CRÔNICA DA GUERRA DOS TRINTA ANOS

Mãe Coragem e seus Filhos

Uma crônica da guerra dos trinta anos

Peça em 12 cenas

Bertolt Brecht

Mutter Courage und ihre Kinder
Escrita em 1939

Tradução: Geir Campos

BERTOLT BRECHT

Mãe Coragem e seus Filhos

Uma crônica da guerra dos trinta anos

TEATRO COMPLETO

em 12 volumes 3ª Edição

© PAZ E TERRA

Título original: Mutter Courage und ihre Kinder

Escrita em 1939

Tradução: Geir Campos

Redação: Elisabeth Hauptmann e Rosemarie Hill

Personagens

(*por ordem de entrada em cena*)

RECRUTADOR
PRIMEIRO SARGENTO
MÃE CORAGEM
KATTRIN, A FILHA MUDA
EILIF, O FILHO MAIS VELHO
QUEIJINHO, O FILHO MAIS MOÇO
COZINHEIRO
GENERAL
CAPELÃO
ARTILHEIRO
YVETTE POTRIER
SEGUNDO SARGENTO
CAOLHO
CORONEL
ESCREVENTE
ALFERES
SOLDADOS
CAMPONESES
VELHA
JOVEM CAMPONÊS

1

PRIMAVERA DE 1624.

EM DALARNE, O GENERAL OXENSTJERNA RECRUTA TROPAS PARA A CAMPANHA DA POLÔNIA. A VIVANDEIRA ANNA FIERLING, CONHECIDA PELO APELIDO DE MÃE CORAGEM, FICA SEM UM DE SEUS FILHOS.

Numa estrada perto da cidade, um Sargento e um Recrutador parados, com frio.

RECRUTADOR — Como é que se pode reunir uma tropa num lugar como este? Sargento, pode crer: eu até em suicídio já pensei. Até o dia 12, tenho de apresentar ao general quatro pelotões, mas o pessoal deste lugar é tão arisco que eu não tenho mais uma noite de sono. A muito custo a gente agarra um, faz vista grossa para não ver que tem espinhela caída e varizes, a gente dá um porre no cara, ele assina a guia, a gente paga a cachaça, e aí o cara diz que precisa ir lá fora. A gente desconfia, e corre para a porta: não dá outro bicho, o cara sumiu que nem piolho embaixo da unha. Não tem palavra de honra, nem lealdade, nem fé: foi neste lugar, Sargento, que eu perdi a minha confiança na humanidade.

SARGENTO — Logo se vê que há muito tempo não há guerra por aqui. De onde vem a moral, pergunto eu? A paz é uma porcaria, só a guerra é que estabelece a ordem. Na paz a humanidade brota que nem espiga. É um desperdício de gente e de gado, assim sem mais nem menos. Cada um come o que quer: um pedaço de queijo no pão, e por cima do queijo uma talhada de toucinho. Quantos homens jovens e quantos cavalos bons existem na cidade, isso ninguém sabe: nunca se fez a conta. Eu já estive em lugares onde não se fazia guerra há uns setenta anos: as pessoas nem sobrenome tinham, nem sabiam quem elas eram. Só onde há guerra é que se põem os registros e as listas em ordem, os sapatos em fardos e o trigo em sacos, as pessoas e as cabeças de gado são bem contadinhas e levadas, pois todo mundo sabe: sem ordem não há guerra!

RECRUTADOR — Isso é verdade!

SARGENTO — Como tudo que é bom, a guerra também é difícil, no começo. Mas, depois que começa a florescer, ela resiste a tudo; e as pessoas começam a tremer, só de pensar na paz, como os jogadores, que não querem parar, para não terem de fazer as contas do que perderam. Mas no começo têm medo da guerra: é sempre uma coisa que não conhecem.

RECRUTADOR — Olhe, vem vindo aí uma carroça. Duas mulheres e dois marmanjões. Sargento, faça essa velha parar! Se não arranjar desta vez, uma coisa eu garanto: não fico mais aqui, com esse vento.

Ouve-se uma gaita de boca. Puxada por dois rapazes, aproxima-se uma carroça. Nela sentadas Mãe Coragem e Kattrin, sua filha muda.

Mãe Coragem — Bom-dia, senhor Sargento!

SARGENTO *barrando-lhes a passagem* — Bom-dia, gente. Quem são vocês?

MÃE CORAGEM — Gente de negócios.

Canta

Seu Capitão, faça o tambor calar
E deixe a soldadesca descansar:
Mãe Coragem vem trazendo os sapatos
Com que eles podem melhor caminhar.
Se com piolhos e com outros bichos,
Levando cargas e canhões de arrasto,
Eles têm de marchar para a batalha,
Pois que marchem calçando bons sapatos!

É primavera. Acorde, homem de Deus!
A neve se derrete. Estão dormindo os mortos.
Que se aguente nos sapatos
Aquele que não está morto ainda!

Seu Capitão, seus homens vão marchando
Para a morte, sem hem uma salsicha:
Deixe que Mãe Coragem trate deles
Com vinho para o corpo e para a alma.
Um canhonaço em barriga vazia,
Seu Capitão, não pode fazer bem:

De panças cheias, vão para o diabo,

E até a minha bênção eles têm!

É primavera. Acorde, homem de Deus!

A neve se derrete. Estão dormindo Os mortos.

Que se aguente nos sapatos

Aquele que não está morto ainda!

SARGENTO — Alto, gentalha! A quem vocês pertencem?

EILIF — Segundo Regimento Finlandês.

SARGENTO — Seus documentos!

MÃE CORAGEM — Documentos?

QUEIJINHO — Essa é a Mãe Coragem!

SARGENTO — Mãe Coragem? Eu nunca ouvi falar. Por que esse nome?

MÃE CORAGEM — Me chamam de Coragem, Sargento, porque uma vez, para escapar da falência, eu atravessei o fogo da artilharia de Riga, com cinquenta pães na carroça; eles já estavam dando bolor, não havia tempo a perder, e eu não tinha outro jeito.

SARGENTO — Nada de gracinhas, ouviu? Onde estão seus papéis?

MÃE CORAGEM *apanha numa lata um maço de papéis e desce da carroça* — Tudo o que tenho de papel é isto, Sargento: um missal de Altötting, inteirinho, para embrulhar pepinos; e um mapa da Morávia, sabe Deus se algum dia ainda vou lá; se não, fica para os gatos; e aqui um atestado de que o meu cavalo branco não tem febre aftosa, pena de ter morrido, com os quinze florins que me custou, mas não a mim, graças a Deus. Não é muito papel, hein?

SARGENTO — Está querendo me passar a perna? Faço você engolir o atrevimento. Sabe muito bem que precisa ter uma licença.

MÃE CORAGEM — Fale direito comigo, e não diga, na frente de meus filhos ainda crianças, que estou querendo passar-lhe a perna: isso não é coisa que se diga, e eu não quero nada com o senhor. Minha licença, no Segundo Regimento, é a honestidade que eu trago escrita na cara: se o senhor não sabe ler, eu não posso fazer nada. Que ainda me queiram pôr uma estampilha, isso eu não admito.

RECRUTADOR — Sargento, eu estou vendo nessa criatura um certo espírito de rebeldia. No acampamento, gostamos de disciplina.

MÃE CORAGEM — Eu pensei que gostassem de salsichas.

SARGENTO — Como se chama?

MÃE CORAGEM — Anna Fierling.

SARGENTO — O sobrenome de todos é Fierling, então?

MÃE CORAGEM — Como assim? Eu sou Fierling, eles não.

SARGENTO — Imagino que são todos seus filhos…

MÃE CORAGEM — São, e por isso todos hão de ter o mesmo sobrenome? *Apontando o filho mais velho, Eilif* — O nome dele, por exemplo, é Eilif Nojócki, porque o pai dele dizia sempre chamar-se Kojócki ou Mojócki. O menino lembra-se muito bem do pai, só que é de um outro que ele se lembra: um francês de barbicha no queixo. Mas do pai ele herdou a inteligência: o pai era capaz de tirar as calças de um camponês, sem que ele percebesse. E assim, cada um de nós tem sobrenome diferente.

SARGENTO — Um sobrenome para cada um?

MÃE CORAGEM — Ora, Sargento: até parece que nunca viu disso…

SARGENTO — Aquele, então, é filho de chinês? *Aponta o mais moço*.

MÃE CORAGEM — Errou: é de um suíço!

SARGENTO — Foi depois do francês?

MÃE CORAGEM — Que francês? De francês eu nunca soube. Não embaralhe as coisas, senão vamos ficar nisto até o fim da noite. Ele é de pai suíço, mas o sobrenome é Fejos, que não tem nada a ver com o pai: o pai tinha outro sobrenome, era mestre de obras de fortificações e o tipo do beberrão.

Queijinho, satisfeito, faz que sim com a cabeça, e até Kattrin, a muda, se diverte.

SARGENTO — Como é que ele pode se chamar Fejos?

MÃE CORAGEM — Não quero fazer pouco do senhor, mas a imaginação não é o seu forte. É natural que ele se chame Fejos, porque, quando veio ao mundo, eu andava com um húngaro para quem tanto fazia: sofria dos rins, embora nunca tivesse posto na boca uma gota de bebida, um sujeito muito honrado. O menino saiu a ele.

SARGENTO — Mas não era o pai, era?

MÃE CORAGEM — Só sei que saiu a de. E eu chamo o menino de Queijinho, porque é uma gostosura puxando a carroça. *Aponta para a filha*. Ela é metade alemã, e se chama Kattrin Haupt.

SARGENTO — Devo dizer que é uma bela família.

MÃE CORAGEM — Pois é, já andei por este mundo todo com a minha carroça.

SARGENTO — Tudo isso tem de ser anotado. *Escreve*. Você é de Bamberg, e está na Baviera: como foi que chegou até aqui?

MÃE CORAGEM — Eu não podia ficar esperando a guerra ter a gentileza de ir até Bamberg.

RECRUTADOR — Eu acho que os dois rapazes deviam se chamar Boi-Jacó e Boi-Esaú, atrelados assim a essa carroça. Não largam a canga nunca?

Eilif — Mãe, posso fechar o bico desse cara? Eu gostaria…

MÃE CORAGEM — Mas eu não quero. Fique quieto aí! E agora, senhores oficiais,

não precisam de uma boa pistola ou de uma fivela nova? Sargento, a sua já está pedindo reforma!

SARGENTO — Eu ando atras é de uma outra coisa. Vejo esses moços crescidos como dois cedros, peitos robustos, pernas vigorosas: gostaria de saber por que é que fogem do serviço militar!

MÃE CORAGEM *prontamente* — Nada feito, Sargento: filho meu não é para o ofício da guerra.

RECRUTADOR — Mas por que não? A guerra dá lucro e dá glória. Vender borzeguins baratos é negócio de mulher. *A Eilif* — Dê um passo à frente, e deixe-me apalpar, quero ver se tem musculatura ou se é um frangote…

MÃE CORAGEM — É um frangote. Se alguém olha para ele um pouco mais, ele é capaz de cair.

RECRUTADOR — É, mas na queda ele derruba um touro, se estiver no caminho, hein? *Tenta levar o rapaz*.

MÃE CORAGEM — Quer deixar meu filho em paz? Ele não serve para vocês.

RECRUTADOR — Ele me faltou com o respeito, chamou minha boca de bico. Nós dois vamos lá no campo, resolver este caso como homens.

EILIF — Não se preocupe, Mãe: eu tomo conta dele.

MÃE CORAGEM — Quieto aí! Seu brigão! Já estou vendo tudo: ele tem uma faca na botina, vai matar o senhor.

RECRUTADOR — Eu tiro a faca, como se fosse um dente de leite: vamos, menino!

MÃE CORAGEM — Seu Sargento, eu dou parte ao Coronel. Ele bota vocês dois no xadrez. O tenente é noivo de minha filha.

SARGENTO — Nada de violências, camarada! *A Mãe Coragem* — O que é que você tem contra o serviço militar? Não era soldado, o pai dele? E não tombou no cumprimento do dever? Foi você mesma quem disse.

MÃE CORAGEM — Ele é apenas uma criança. Vocês querem tirá-lo de mim, para o matadouro: eu conheço vocês. Vão receber cinco florins por ele.

RECRUTADOR — Primeiro ele vai ganhar um lindo boné e umas botas de cano alto, não é?

EILIF — Do senhor, não.

MÃE CORAGEM — Isto é o que o pescador diz à minhoca: “Vai com o anzol!”. *A Queijinho* — Corra e grite que estão roubando seu irmão! *Empunha uma faca*. Agora levem-no, se têm coragem! Canalhas, eu acabo com vocês! Vão ver a guerra que querem fazer com ele! Vivemos honestamente, vendendo presunto e roupa branca, e somos gente de paz!

SARGENTO — É, basta olhar essa faca, para se ver como vocês são de paz. Devia ter vergonha nessa cara. Jogue fora essa faca, sua bruxa! Até aqui você deu a entender que vive da guerra, e agora quer viver de quê? Como pode haver guerra sem soldados?

MÃE CORAGEM — Mas os soldados não precisam ser meus filhos.

SARGENTO — Para você, então, a guerra há de roer os ossos e deixar a carne? Você engorda as suas crias com a guerra, e não quer dar nada em troca? Ele precisa saber de onde é que vem a comida. E você, que tem nome de Coragem, está com medo da guerra, que é o seu ganha-pão? Seus filhos não têm medo, vê-se logo…

EILIF — Não tenho medo de guerra nenhuma!

SARGENTO — Por que ter medo? Olhem bem para mim: a vida de soldado me fez algum mal? Eu estou nisso há dezessete anos!

MÃE CORAGEM — Ainda está muito longe dos setenta.

SARGENTO — Eu chego lá?

MÃE CORAGEM — Naturalmente por baixo da terra…

SARGENTO — Quer me agourar, dizendo que eu vou morrer?

MÃE CORAGEM — E se for verdade? Se eu estou vendo no senhor um homem marrado? Se tem o jeito de um defunto em férias, hein?

QUEIJINHO — Ela é vidente: todo mundo diz. Adivinha o futuro.

RECRUTADOR — Então adivinhe de uma vez o futuro do Sargento, que ele vai gostar.

SARGENTO — Não faço fé nessas coisas.

MÃE CORAGEM — Me empreste o seu capacete! *O Sargento dá-lhe o elmo.*

SARGENTO — Isso, para mim, quer dizer menos do que cocô no capim. Em todo caso, vamos rir um pouco…

MÃE CORAGEM *pega uma folha de pergaminho e rasga-a* — Eilif, Kattrin, Queijinho: isto é o que iria acontecer conosco, se nos metêssemos na guerra. *Ao Sargento* — Para o senhor, eu vou abrir uma exceção: faço o trabalho de graça. Neste papel eu pinto uma cruz preta: preta é a morte.

QUEIJINHO — O outro, ela deixa em branco: está vendo?

MÃE CORAGEM — Agora eu dobro os dois, misturo bem: assim como as pessoas se misturam, desde que saem do ventre da mãe. Depois, é só tirar um dos papéis, para ver o que dá…

O Sargento hesita.

RECRUTADOR *a Eilif* — Eu não vou aceitando qualquer um, não: tenho até certa fama de exigente. Mas você tem um jeito que me agrada.

SARGENTO *tirando do elmo um dos papéis* — Que estupidez! É pura tapeação!

QUEIJINHO — Tirou o da cruz preta: está perdido!

RECRUTADOR — Não se deixe impressionar, pois ainda não foi fabricada a bala que há de matar você.

SARGENTO *com voz rouca* — Você quer me embromar!

MÃE CORAGEM — Foi o senhor que embromou a si mesmo, quando foi ser soldado. Mas agora nós vamos andando: não é todo dia que tem guerra, e eu tenho de aproveitar.

SARGENTO — Com os diabos, a mim você não embroma. E esse seu filho bastardo fica conosco: vai ser soldado nosso!

EILIF — Mãe, eu queria ser…

MÃE CORAGEM — Cale o bico, demônio finlandês!

EILIF — O Queijinho também queria ser soldado.

MÃE CORAGEM — Isso, para mim, é novidade. Eu vou ter de tirar a sorte de vocês, de todos três. *Afasta-se para trás, para pintar cruzes em pedaços de papel.*

RECRUTADOR *a Eilif* — Falam de nós, por aí, que no acampamento sueco só tem beato; mas é pura calúnia, para nos prejudicar. Lá só se cantam hinos aos domingos, só uma estrofe e só quem tem boa voz!

MÃE CORAGEM *volta com os papéis dobrados no elmo do Sargento* — Querem ir para longe da mamãe, seus diabos, e meter-se na guerra, como cordeiros na boca do lobo… Mas eu vou consultar os papeizinhos, e vocês já vão ver que o mundo não é nenhum vale de alegrias, com essa história de "vem, meu filho, que precisamos de mais capitães". Sargento, o meu maior medo é o de que meus filhos não voltem da guerra. Eles são assustados de nascença, todos três. *Estende o elmo a Eilif* — Vá, tire a sua sorte! *Eilif tira um papel, desdobra-o; ela arranca-lhe das mãos*. Aí está: uma cruz! Oh, mãe desventurada, que pariu com tanta dor e o filho vai morrer na flor da idade! Está claro que, se ele for soldado, há de morder o pó. Mas ele é atrevido como o pai: se não tiver juízo, há de cumprir o destino da carne — carne de canhão! É isso o que este papelzinho quer dizer… *Grita, autoritária.* — Quer ter juízo?

EILIF — E por que não?

MÃE CORAGEM — Ter juízo é ficar com sua mãe; e, quando alguém vier rir de você, chamar você de galinha, dar gargalhada na cara dele.

RECRUTADOR — Bem, se você é de cagar nas calças, eu prefiro levar o seu irmão.

MÃE CORAGEM — Eu já lhe disse o que tem a fazer: dê uma gargalhada! Vamos: ria! E agora, Queijinho, é a sua vez: com você eu não me preocupo tanto, você tem mais lealdade. *Queijinho tira do elmo um papel dobrado e o desdobra.* Ora, por que olha assim tão espantado para o papel? Em branco deve estar, não é possível que tenha uma cruz pintada. É claro que eu não vou perder você… *Ela apanha o papel* Outra cruz? Não! Ele também?! Será por ele ser assim ingênuo? Queijinho meu, você também está perdido, se não for sempre bom para sua mãe, como eu lhe ensino desde pequenino, trazendo sempre o troco direitinho quando vai comprar pão. Só assim você pode se salvar. Olhe, Sargento: não é uma cruz preta?

SARGENTO — É uma cruz, sim. Só não entendo é eu ter tirado uma, também: eu fico sempre na retaguarda. *Ao Recrutador* — Não deve ser tapeação nenhuma: o azar cai até para os filhos dela!

QUEIJINHO — Cai para mim, e assim já fico prevenido.

MÃE CORAGEM *a Kattrin* — Agora, com certeza, fica só você: você já é uma cruz, mas tem um bom coração. *Estende o elmo para o alto da carroça, mas ela mesma tira o papelzinho*. Mas é um desespero! Não pode ser verdade! Talvez eu tenha cometido algum engano, na hora de misturar. Kattrin, de agora em diante, não seja nunca boazinha demais, nunca mais: há uma cruz no seu caminho! E trate de ficar muito quietinha: o que não é difícil, para quem nasceu muda. E assim, já ficam todos avisados: tomem muito cuidado, porque vão precisar. E nós vamos pegar nossa carroça e tocar para a frente. *Devolve o elmo ao Sargento e sobe na carroça*.

RECRUTADOR ao Sargento — Faça qualquer coisa!

SARGENTO — Não estou me sentindo nada bem.

RECRUTADOR — Vai ver que se resfriou, tirando o elmo neste vento frio. Proponha alguma transação a ela. *Alto:*— Sargento, você pode dar uma olhada naquela fivela! É gente boa e vive do que vende, é ou não é? Ei, vocês: o Sargento quer comprar a fivela!

MÃE CORAGEM — Custa meio florim, mas vale dois uma fivela destas. *Torna a descer da carroça.*

SARGENTO — Nem é uma fivela nova… E aqui está ventando muito, preciso examinar com mais vagar. Vai com a fivela para trás da carroça.

MÃE CORAGEM — Não sinto a menor corrente de ar.

SARGENTO — Meio florim, talvez valha: é de prata.

MÃE CORAGEM *indo ao encontro do Sargento, atrás da carroça* — É, são seis onças de prata maciça.

RECRUTADOR *a Eilif* — E nós vamos ali bebemorar, como bons camaradas. O dinheiro do alistamento está comigo. Vamos!

Eilif permanece indeciso.

MÃE CORAGEM — Meio florim, então?

SARGENTO — Não estou entendendo. Procuro estar sempre na retaguarda. Não há lugar mais seguro que o de sargento: na conquista da glória, a gente manda os soldados na frente… Isto veio estragar o meu almoço, sei que não vou conseguir comer nada.

MÃE CORAGEM — O senhor não deve levar a coisa tão a sério assim, a ponto de nem poder mais comer. Continue a ficar na retaguarda. E tome um golinho de pinga, homem! *Oferece-lhe bebida*.

RECRUTADOR *com Eilif bem seguro pelo braço, arrasta-o para longe* — Com dez florins na mão, um rapaz corajoso como você, que luta pelo Rei, as mulheres vão lhe chover em cima. E quanto a mim, você pode fechar meu bico, se eu tiver dito alguma coisa errada… *Saem os dois*.

A muda Kattrin salta da carroça e solta uns gritinhos roucos.

MÃE CORAGEM — Já vou, Kattrin, jã vou. O senhor Sargento está agora me pagando. *Morde a moeda de meio florim.* Eu não confio em moeda nenhuma: sou uma gata escaldada, Sargento. Mas esta peça é das boas… E agora vamos embora: onde está

Eilif?

QUEIJINHO — Foi com o Recrutador.

MÃE CORAGEM *fica um momento parada* — Ah, que menino ingênuo! *A Kattrin* — Sei que a culpa não é sua: você não pode falar.

SARGENTO — Agora, Mãe Coragem, você também pode tomar um golezinho. Assim é a vida. E ser soldado ainda não é o pior. Você queria viver às custas da guerra, sem se meter nela, nem você nem os seus: mas de que jeito?

MÃE CORAGEM — Kattrin, você agora tem de puxar a carroça com seu irmão.

Ambos, Queijinho e Kattrin, atrelam-se ao varal da carroça e puxam-na. Mãe Coragem caminha ao lado. A carroça se afasta.

SARGENTO *seguindo-os com o olhar* — Quem da guerra se quer aproveitar, Alguma coisa em troca tem que dar.

2

NOS ANOS DE 1625 E 1626, MÃE CORAGEM, ACOMPANHANDO O EXÉRCITO SUECO, ATRAVESSA A POLÔNIA EM FRENTE À FORTALEZA DE WALLHOF, TORNA A ENCONTRAR O FILHO EILIF. VENDA OPORTUNA DE UM PATO E DIAS DE GLÓRIA DO FILHO CORAJOSO.

Na tenda do general.

A um lado, a cozinha. Troar de canhões. O Cozinheiro discute com Mãe Coragem, que tenta vender-lhe um pato.

COZINHEIRO — Sessenta Heller por uma penosa horrível dessas?

MÃE CORAGEM — Penosa horrível? Um animal tão gordinho? Como é que um General, guloso como é, não pode dar sessenta míseros Heller por ele? E ai de você, se não tiver nada para servir no almoço!

COZINHEIRO — Iguais a esse eu arranjo uma dúzia por dez Heller, na primeira esquina!

MÃE CORAGEM — O quê? Um pato como este, você arranja na primeira esquina? Com a cidade sitiada, e uma fome de rachar? Uma ratazana, pode ser que você arranje; e digo “pode ser”, porque já foram todas devoradas. Vi cinco homenzarrões correndo uma tarde inteira atrás de uma ratazana esfomeada. Cinquenta Heller por um pato deste tamanho, em estado de sítio, não é nada demais…

COZINHEIRO — Não somos nós que estamos sitiados; os outros é que estão. Veja se mete na sua cabeça que, aqui, os sitiantes somos nós!

MÃE CORAGEM — Mas nós também não temos nada que comer, e ainda menos que lá dentro da cidade: os que estão lá levaram tudo que podiam. Ouvi dizer que estão na boa vida. E nós? Andei falando com os camponeses: eles estão a zero!

COZINHEIRO — Eles estão escondendo o que têm.

MÃE CORAGEM *triunfante* — Não têm coisa nenhuma. Estão arruinados, isso sim! Andam morrendo à míngua. Eu vi alguns desenterrando raízes, de tanta fome; e lambiam os dedos por uma tira de couro cozido. É o que se vê. E eu, que tenho um bom pato, hei de vendê-lo por quarenta Heller?

COZINHEIRO — Por quarenta Heller, não: por trinta Heller. Eu disse trinta!

MÃE CORAGEM — Mas este não é um pato qualquer, não. É tão prendado: ouvi dizer que só comia quando tocavam música, e tinha até um dobrado predileto. Sabe até fazer contas, de tão inteligente que é. E tudo isso por quarenta Heller? O General vai torcer o seu pescoço, se não tiver nada posto na mesa.

COZINHEIRO — Sabe o que eu vou fazer? *Pega uma posta de carne de boi e mete-lhe a faca*. Tenho um pedaço de carne de gado, e vou pôr para assar. Dou-lhe um minuto para resolver!

MÃE CORAGEM — Pode assar: isso aí é do ano passado.

COZINHEIRO — É de ontem à tarde: eu vi o boi ainda pastando por aí.

MÃE CORAGEM — Então é que, em vida, ele já fedia.

COZINHEIRO — Levo umas cinco horas cozinhando, se for preciso, e eu quero ver se a carne fica dura. *Começa a cortar.*

MÃE CORAGEM — Ponha bastante pimenta, para o senhor General não sentir muito o fedor!

Entram na tenda o General, um CAPELÃO e Eilif.

GENERAL *batendo no ombro de Eilif* — Agora, meu filho, entre na tenda do seu General, e sente-se à minha direita. Você praticou uma ação heroica, como cavaleiro devoto, e fez isso em nome de Deus, numa guerra santa: por isso, quero premiá-lo com uma braçadeira de ouro, assim que a cidade cair em meu poder. Nós estamos aqui para salvar a alma dessa gente: e o que é que eles fazem, esses perdidos camponeses sem-vergonha? Fogem, levando o gado! Aos padres, eles enchem de comida por tudo quanto é lado… Mas você deu neles uma lição! Eu lhe ofereço uma caneca de vinho, para bebermos juntos e de um gole só. *Bebem.* O CAPELÃO pode ficar na merda: é um santo homem. E você quer o que, para almoçar, meu coração?

EILIF — Um pedaço de carne, por que não?

GENERAL — Cozinheiro: carne!

COZINHEIRO — Ainda por cima ele me traz um convidado, e eu não tenho nada!

Mãe Coragem pede silêncio, que ela quer escutar.

EILIF — Esfolar camponês abre o apetite!

MÃE CORAGEM — Jesus, é o meu Eilif!

COZINHEIRO — Quem?

MÃE CORAGEM — É o meu filho mais velho. Faz dois anos que eu o perdi de vista: foi-me roubado em plena via pública. Agora deve estar muito cotado, se o General o

convida para almoçar… E você não tem nada para pôr na mesa? Nada? Pois não ouviu o que o convidado pediu? Quer comer carne! Aceite o meu bom conselho: tome logo este pato, é um florim só!

GENERAL *senta-se com Eilif, e berra* — Ó Cozinheiro, como é, seu animal? Traga a comida, antes que eu mate você de pancada!

COZINHEIRO — Ah, sua vigarista do diabo: me dê esse pato!

MÃE CORAGEM — Pensei que fosse uma penosa horrível…

COZINHEIRO — Horrível é, e ainda mais por esse preço: cinquenta Heller é quase uma fortuna!

MÃE CORAGEM — Foi um florim que eu disse. E em minha opinião nada é caro demais para o meu filho mais velho, que é convidado do seu General.

COZINHEIRO dá a ela o dinheiro — Então ao menos você me depena o bicho, enquanto eu trato de acender o fogo.

MÃE CORAGEM senta-se, para depenar o pato — Que cara ele vai fazer, quando der comigo aqui! Meu filho é inteligente e corajoso. O outrozinho é tapado, mas honesto. Minha filha não é coisa nenhuma; mas não fala, e isso tem algum valor.

GENERAL — Mais um copo, meu filho: isto é Falerno, é o meu vinho preferido. Eu só tenho um barril, ou dois, se tanto, mas para mim você. merece tudo: vejo que em minhas tropas há ainda alguém de verdadeira fé. Esse pobre desse Pastor de Almas só fica olhando, só sabe fazer sermão; mas como as coisas precisam ser feitas, ele não sabe. E agora, meu filho Eilif, me conte com mais detalhes como foi que driblou os camponeses e acabou confiscando os vinte bois! Eu espero que não demorem a chegar ..

EILIF — Um dia, ou dois, no máximo.

MÃE CORAGEM — Simpático, da parte do meu filho, fazer os bois virem só amanhã; do contrário, meu pato não teria ganho nem um bom-dia.

EILIF — Pois foi assim: eu soube que os camponeses, na calada da noite, estavam levando bois, que tinham escondido no mato, para um certo bosque; ali eram apanhados por gente da cidade. Deixei que continuassem levando os bois à vontade, pois eles sempre saberiam onde encontrá-los com mais facilidade que eu, foi o que pensei. E fui fazendo os meus homens sonharem com carne, e durante dois dias eu reduzi ainda mais a ração magra deles, de modo que ficavam com água no bico só de ouvirem palavra começada com *ca*: cadeira, por exemplo…

GENERAL — Foi grande tática, a sua.

EILIF — Talvez. O resto, nem vale a pena contar. Só que os camponeses estavam armados de porretes, eram três vezes mais numerosos que nós, e nos caíram em cima como uns danados. Quatro deles me jogaram numa moita, arrancaram-me da mão a espada, e me gritaram: “Renda-se!”. Eu pensei logo: é agora que vão fazer picadinho de mim.

GENERAL — E o que foi que você fez?

EILIF — Comecei a rir.

GENERAL — Hein?

EILIF — Eu rindo, e eles puxando conversa comigo. Eu aí comecei a pechinchar: “Vinte florins é muito por um boi, eu só dou quinze”. Como se eu fosse pagar. Eles ficaram perplexos, coçando a cabeça. Aí, eu me abaixei, peguei a espada, e fiz os quatro em pedaços. Necessidade não tem lei, é ou não é?

GENERAL — Que é que o Pastor de Almas diz a isso?

CAPELÃO — Ao pé da letra, não é uma frase da Bíblia. Mas Nosso Senhor transformou cinco pães em quinhentos, para ninguém passar necessidade, e Ele assim pôde exigir que cada qual amasse o seu próximo, já que todos estavam satisfeitos. Hoje em dia a coisa é outra.

GENERAL — Inteiramente outra. Agora, fariseu, você merece um gole. A Eilif — Então, você fez todos em pedaços: fez muito bem, para os meus bravos homens poderem meter os dentes num bom pedaço de carne. Não está nas Escrituras: “O que fizeres ao menor dos meus irmãos, será a mim que farás”? Pois o que foi que você fez a eles? Proporcionou a eles um bom prato de carne, a eles que não suportam pão dormido, e preferem passar a sopa fria, de vinho e casca de broa, misturada dentro do capacete, enquanto vão à luta pela causa de Deus.

EILIF — Pois foi: eu me abaixei, peguei a espada e fiz os quatro em pedaços.

GENERAL — Você tem o valor de um jovem César: precisa ver o Rei.

EILIF — Já vi o Rei, de longe: ele brilhava. Eu gostaria de ser como ele.

GENERAL — Dele, você já tem alguma coisa. Eilif, eu gosto de ver um soldado assim, com a sua coragem. Esses, eu trato como se fossem meus filhos. Leva-o perto do mapa. Veja, Eilif, a nossa posição: ainda nos falta muito.

MÃE CORAGEM que estava à escuta e volta a depenar o pato com raiva — Esse General deve ser muito ruim.

COZINHEIRO — Guloso, ele é; mas ruim, por quê?

MÃE CORAGEM — Ele precisa de soldados corajosos, aí é que está: se ele soubesse fazer um bom plano de batalha, que necessidade teria de soldados tão corajosos? Com soldados comuns, faria tudo. Além do mais, onde começa a haver muita virtude, é que alguma outra coisa não vai bem.

COZINHEIRO — Eu pensei que isso fosse um bom sinal.

MÃE CORAGEM — Não: é sinal de alguma coisa errada. Porque, quando um General ou um Rei é muito estúpido e mete a tropa num beco sem saída, os homens precisam ter uma coragem de morte, que é mais uma virtude. Se ele é muito avarento e não contrata os homens necessários, os poucos têm de ser uns verdadeiros Hércules. E se é um arvoado, desses que não se preocupam com nada, aí os soldados precisam ter uma esperteza de cobras; senão, estão perdidos. E é preciso, também, que sejam de uma lealdade a toda prova, pois deles é exigido sempre mais. Essas grandes virtudes, num país bem organizado, com um bom Rei e um bom General, não fazem falta. Quando aterra é boa, ninguém precisa ser virtuoso: todo mundo pode ser gente comum, medíocre, e até

mesmo covarde, se quiser.

GENERAL — Sou capaz de apostar que seu pai foi soldado!

EILIF — Foi um grande soldado, ao que me consta. Por isso, minha mãe não se cansava de me aconselhar contra. Tinha até uma canção, que eu decorei…

GENERAL — Cante para nós! Berra — E essa comida, não vem?

EILIF — É a “Canção da Mulher e dos Soldados”.

Eilif, com a espada, canta e dança uma canção de tempo de guerra:

Fuzilam os fuzis, as lanças alanceiam,
E engole a água do rio a quem nela vadeia.
Com o gelo, quem pode? É melhor fugir dele!
Assim falou a Mulher ao Soldado.
O Soldado, porém, com sua arma embalada,
Escutava o tambor e só dava risada:
Marchar não pode nunca fazer nenhum mal.
Avante para o sul, avante para o norte!
Firme nas duas mãos uma lança bem forte!
Assim falou o Soldado à Mulher.
Quem ouve mas não segue, ou faz que não entende
O aviso dos mais velhos, sempre se arrepende.
Não queiras subir muito, ou vais acabar mal!
Assim falou a Mulher ao Soldado.
O Soldado, porém, com a espada na cinta,
Riu-se na cara dela e foi passar o vau:
Como é que a água do rio pode fazer mal?
Quando a Lua estiver branca sobre o telhado,
A gente volta, reza, e está tudo acabado.
Assim falou o Soldado à Mulher.

MÃE CORAGEM na cozinha, contínua a canção, batendo na panela com uma colher —

Como passa a fumaça, e como o calor passa,

Vocês passam, e os feitos seus não nos aquecem.

Vai com Deus! Ah, como a fumaça vai depressa!

Assim falou a Mulher ao Soldado.

EILIF — Mas o que é isso?

MÃE CORAGEM continuando a cantar —

O Soldado, porém, com a espada na cinta,

E com a lança, foi, e afogou-se no vau:

A água do rio engole a quem nela vadeia.

Sobre os telhados fria a Lua branquejava Quando, entre os gelos, na água o Soldado boiava.

O que é que ia dizer à Mulher o Soldado?

Passou como a fumaça, ou o calor que passa,

E os feitos dele não darão para aquecê-la.

Quem faz que não entende, sempre se arrepende.

Assim falou a Mulher ao Soldado.

GENERAL — Hoje, em minha cozinha, estão todos de folga?

EILIF *entra na cozinha e abraça a mãe* — Que bom vê-la de novo! Onde é que estão os outros?

MÃE CORAGEM *abraçada ao filho* — Estão felizes como peixes dentro d'água. Queijinho é intendente do Segundo Regimento: pelo menos, assim não vai para a linha de frente, já que eu não pude ficar com ele.

EILIF — E os seus pés, como vão?

MÃE CORAGEM — De manhã é que eu custo a calçar os sapatos.

GENERAL *aproximando-se* — A senhora é mãe dele? Espero que nos dê outros filhos como este!

EILIF — Que sorte, a minha: a senhora sentada na cozinha, ouvindo os elogios a seu filho!

MÃE CORAGEM — Eu ouvi tudo! *Dá-lhe uma bofetada.*

EILIF *levando a mão ao rosto* — Só porque roubei aqueles bois?

MÃE CORAGEM — Não senhor! É porque não se rendeu, quando lhe caíram quatro em cima, prontos para fazer picadinho de você! Eu não cansei de dizer para você se cuidar? Diabo finlandês!

O General e o Capelão caem na gargalhada.

3

TRÊS ANOS DEPOIS, MÃE CORAGEM É APRISIONADA COM PARTE DE UM REGIMENTO FINLANDÊS. SEU FILHO É SALVO, E É SALVA A CARROÇA, MAS QUEIJINHO É MORTO.

Num acampamento.

Depois de meio-dia. Num mastro improvisado, a bandeira do Regimento. Entre a sua carroça, que ostenta uma grande riqueza de novas mercadorias, e um grande canhão, Mãe Coragem estendeu uma corda de roupa lavada; ela e Kattrin estão dobrando a roupa em cima do canhão. Enquanto isso, ela discute com um Artilheiro o preço de uma sacola de balas. Queijinho, agora em uniforme de Intendente, observa.

Uma bonita mulher, Yvette Pottier, tendo diante de si um copo de cachaça, costura um chapéu colorido; está de meias, e perto dela veem-se os seus sapatos vermelhos de salto alto.

ARTILHEIRO — Por dois florins, eu lhe dou as balas. E é bem barato: eu preciso do dinheiro, porque o Coronel está há dois dias bebendo com os oficiais e o licor acabou.

MÃE CORAGEM — Mas é armamento do exército: se me pegam com isso, vão me levar à Corte Marcial. Vocês vendem as balas, seus malandros, e a tropa fica sem ter o que atirar contra o inimigo.

ARTILHEIRO — Não seja má: uma mão lava a outra.

MÃE CORAGEM — Material do exército eu não compro: por esse preço não.

ARTILHEIRO — Hoje de noite, mesmo, você já pode vendê-las, por cinco ou até oito florins, discretamente, ao Artilheiro do Quarto Regimento: é só você dar a ele um recibo

de doze florins. Está sem munição de espécie alguma.

MÃE CORAGEM — E por que não faz isso o senhor mesmo?

ARTILHEIRO — Porque eu não tenho confiança nele: somos amigos.

MÃE CORAGEM *pega a sacola* — Me dê! *A Kattrin* — Vá lá atrás e pague a ele um florim e meio. *Ante os protestos do Artilheiro.* — Eu disse um florim e meio! *Kattrin leva a sacola para trás da carroça, e o Artilheiro vai com ela. Mãe Coragem fala com Queijinho.* — Pegue ali as suas ceroulas e guarde-as bem: já estamos em outubro e o outono pode chegar. Não digo que chegue, com toda certeza porque uma coisa eu já aprendi: nem sempre chega o que a gente espera, nem as estações do ano… Mas algumas coisas devem andar sempre certas, como as contas do Regimento: suas contas estão em dia?

QUEIJINHO — Estão, mãe.

MÃE CORAGEM — Não se esqueça de que você foi nomeado Intendente por ser honesto, e não avoado como seu irmão; e, acima de tudo, por ser tão ingênuo que pela sua cabeça não há de passar a ideia de fugir com o cofre: você, não. Isso me deixa tranquila. E não vá perder as ceroulas!

QUEIJINHO — Eu não, mãe: vou guardá-las embaixo do colchão. *Faz menção de afastar-se.*

ARTILHEIRO — Vou com você, Intendente.

MÃE CORAGEM — Mas não lhe ensine as suas artimanhas!

Sem se despedir, o Artilheiro sai com Queijinho.

YVETTE *acenando para ele* — Artilheiro, não fala com a gente?

MÃE CORAGEM *a Yvette* — Eu não gosto de ver esses dois juntos: não é boa companhia para o meu Queijinho. Mas a guerra não vai tão mal: até que entrem todos os países, pode durar uns quatro ou cinco anos, e ainda é pouco. Com um pouco de esperteza, e sem me descuidar, eu posso fazer muitos bons negócios. Sabe que, com a sua doença, você não devia beber na parte da manhã?

YVETTE — Quem disse que estou doente? É uma calúnia!

MÃE CORAGEM — É o que todos dizem.

YVETTE — É porque são todos uns mentirosos. Mãe Coragem, ando desesperada: todos fogem de mim, como se eu fosse algum peixe podre, por causa dessas mentiras… E eu consertando este chapéu, para quê? *Joga-o longe*. É por isso que eu bebo de manhã: antes eu não bebia, que faz pé de galinha, mas para mim agora tanto faz. No Segundo Regimento Finlandês, todos me conhecem. Eu devia era ter ficado em casa, quando o meu primeiro me traiu. Orgulho não é para gente como nós: é preciso aprender a engolir tudo, senão a gente vai por água abaixo.

MÃE CORAGEM — Não comece outra vez a falar do seu Pieter e de como tudo principiou, diante da minha filha inocente.

YVETTE — É bom ela escutar, para ficar prevenida contra o amor.

MÃE CORAGEM — Contra isso, ninguém fica prevenido.

YVETTE — Então eu conto, porque me sinto mais leve. Tudo começou por eu ter nascido na linda terra de Flandres: sem isso, eu nunca o teria visto, e não estaria agora aqui na Polônia, porque ele era Soldado-Cozinheiro, um holandês, bem louro, mas dos magros. Kattrin, tenha cuidado com os magros! Mas nesse tempo eu ainda não sabia disso, não sabia de nada: eu nem sabia que ele tinha outra, e que a outra o chamava de Pieter-Cachimbo, porque ele nunca tirava o cachimbo da boca, nem para estar com a gente, tão pouco demorava. Yvette canta a "Canção da Confraternização" —

Eu tinha apenas dezessete anos

Quando o inimigo em nossa terra entrou:

Pousou a espada de lado, no chão,

E a sua mão de amigo me ofertou.

Depois da festa de maio

Chegou a noite de maio

E o Regimento em forma se enquadrou:

Como de praxe os tambores rufaram,

Para detrás da moita nos levaram

E o inimigo confraternizou.

Inimigos havia em quantidade

E o meu era um Soldado-Cozinheiro:

Durante o dia eu tinha raiva dele,

Mas de noite eu gostava dele inteiro.

Depois da festa de maio

Chegava a noite de maio

E o Regimento em forma se enquadrava:

Como de praxe os tambores rufaram,

Para trás da moita nos levaram

E o inimigo confraternizava.

Aquele amor que eu experimentava

Era como um poder celestial:

Meu povo não podia compreender

Que eu o amasse e não lhe quisesse mal.

Num tristonho amanhecer

Teve inicio o meu sofrer:

O Regimento cm forma se enquadrou:

Como de praxe os tambores rufaram,

E a nossa cidade se esvaziou.

YVETTE — Eu, por desgraça, corri atrás dele, mas nunca o pude achar, e nisso se passaram cinco anos. *Encaminha-se, cambaleando, para trás da carroça.*

MÃE CORAGEM — Você esqueceu o chapéu.

YVETTE — Pode ficar com ele quem quiser.

MÃE CORAGEM — Que isso lhe sirva de lição, Kattrin: não me vá arranjar coisa com soldados! O amor é um poder celestial, eu só estou avisando. Mesmo com homem que não veste farda, não é nenhum melado que se lamba: ele pode dizer que gostaria de beijar o chão onde você põe os pés… Você lavou os pés ontem, porque eu estava espiando… Depois você vira criada dele! Dê-se por muito feliz por ser muda, não pode falar demais, e assim não ter vontade de cortar a língua com os dentes depois de dizer algumas verdades: ser muda é uma dádiva do céu. O Cozinheiro do General vem aí: que será que ele quer?

Entram o Cozinheiro e o Capelão.

CAPELÃO — Eu lhe trago um recado do seu filho Eilif, e o Cozinheiro quis vir porque gostou da senhora.

COZINHEIRO — Eu vim só apanhar um pouco de ar fresco.

MÃE CORAGEM — Pode apanhar todo o ar que quiser, desde que se comporte com decência, pois, do contrário, eu já sei o que faço com vocês. Quer ainda o quê? Dinheiro, eu não tenho mais!

CAPELÃO — A bem dizer, o recado é para o irmão dele, o senhor Intendente.

MÃE CORAGEM — Não está mais aqui nem em lugar nenhum. E não é Intendente do irmão dele! É melhor o Eilif não tentar, e tomar jeito. *Dá-lhe dinheiro da sacola que traz pendurada.* Dê isto a ele! É pecado fazer chantagem com o amor materno, e ele devia ter vergonha.

COZINHEIRO — Ele não demora a ter de seguir com o Regimento, quem sabe, talvez para a morte. A senhora devia dar mais um pouquinho, para depois não ter remorsos. Vocês, mulheres, são duras assim, mas depois se arrependem. Um copinho de cachaça não custava nada, mas não dão; e quem sabe se daqui a pouco o coitado não estará descansado para sempre embaixo do capim verde, e não vão mais poder desenterrá-lo…

CAPELÃO — Nada de sentimentalismos, Cozinheiro! Morrer na guerra é uma glória, e não é nenhum azar. Por quê? Esta é uma guerra santa. Não é uma guerra qualquer: é uma guerra muito especial, em que se luta pela defesa da fé. É uma guerra que Deus vê com agrado!

COZINHEIRO — Certo. Por um lado é uma guerra em que se incendeia, se chacina, se saqueia, sem esquecer as mulheres violentadas; mas, por outro lado, é diferente de todas as outras, pois é uma guerra santa, é claro. E ela também deixa a gente com sede, com isso o senhor há de concordar…

CAPELÃO a Mãe Coragem, apontando para o Cozinheiro — Eu fiz tudo para impedir que ele viesse, mas ele diz que está apaixonado, que vive sonhando com a senhora.

COZINHEIRO acendendo um cachimbo — Eu só queria um copo de cachaça servido por uma bonita mão, na pior das hipóteses. Mas eu já fui bastante castigado, porque esse Capelão, pelo caminho, fez tanta piada, que eu devo estar vermelho até agora.

MÃE CORAGEM — E com as vestes religiosas! Acho que tenho de dar bebida a vocês, senão são bem capazes de ainda me virem com propostas imorais, para me aborrecerem.

CAPELÃO — É uma tentação, disse uma vez o Capelão da Corte, e não resistiu. De passagem, dá com os olhos em Kattrin. Quem é essa criatura encantadora?

MÃE CORAGEM — Não é encantadora, coisa nenhuma: é uma pessoa honrada.

O Capelão e o Cozinheiro vão com Mãe Coragem para trás da carroça. Kattrin olha para eles, depois afasta-se da roupa e aproxima-se do chapéu. Apanha-o e senta-se para calçar os sapatos vermelhos. Ouve-se, lá atrás, Mãe Coragem discutindo política com o Capelão e o Cozinheiro.

MÃE CORAGEM — Os poloneses aqui da Polônia não deviam ter-se . intrometido. É verdade que o nosso Rei invadiu a terra deles com homens, cavalos e viaturas; mas os poloneses, em vez de se conservarem em paz, intrometeram-se na questão e atacaram o Rei, quando ele ia entrando com toda a calma. Cometeram uma agressão culposa, e o sangue hã de cair sobre a cabeça deles.

CAPELÃO — Nosso Rei só visava a liberdade! O Imperador tinha subjugado a todos, aos poloneses tanto quanto aos alemães, e o nosso Rei queria libertá-los.

COZINHEIRO — Eu também acho. Essa cachaça da senhora é uma delicia, não me enganei quando vi a senhora. Mas, já que estamos falando no Rei: a liberdade que ele queria implantar na Alemanha custou-lhe caro. Ele teve de cobrar na Suécia o imposto do sal, que os pobres foram obrigados a pagar. Depois ele ainda teve de encarcerar e esquartejar os próprios alemães, que ainda pretendiam continuar prestando vassalagem ao Imperador. Francamente, quando uma pessoa se recusava a ser libertada, o Rei não brincava. A princípio, ele só queria proteger os poloneses contra os malvados, mais do que todos o Imperador; mas, quanto mais comia, mais fome de ia tendo, e enfim quis proteger toda a Alemanha. Os alemães não deram pouco trabalho. E assim o nosso Rei só teve dissabores, em paga da sua bondade e dos seus gastos; e isso ele teve de compensar, naturalmente, pela cobrança de mais impostos, o que provocou muita irritação, mas ele não se deixou abater. A seu favor, ele tinha uma coisa: a palavra de Deus, que ainda valia! Não fosse isso, poderiam dizer que ele fazia tudo pensando em lucros e em proveito próprio. Mas ele tem a consciência limpa, e isso é o mais importante!

MÃE CORAGEM — Bem se vê que o senhor não é sueco: se fosse, falaria diferente do Rei, que é um herói.

CAPELÃO — No fim das contas, é do pão dele que você come.

COZINHEIRO — Eu não como: eu apenas levo ao forno.

MÃE CORAGEM — Ele não hã de ser vencido nunca, porque o povo tem confiança

nele. *Séria*. Pelo que se ouve os grandes homens falarem, a guerra é feita sempre por temor a Deus e por tudo que há de bom e bonito. Mas quando a gente vai ver mais de perto, eles não são tão idiotas assim: fazem a guerra pensando em tirar vantagens. Não fosse assim, arraia miúda que nem eu não tinha nada que se meter.

COZINHEIRO — Exatamente.

CAPELÃO — Como holandês, você devia olhar bem a bandeira hasteada aqui, antes de dar seus palpites sobre a Polônia.

MÃE CORAGEM — Bons protestantes haja aqui e em toda parte! Saúde!

Kattrin, com o chapéu na cabeça, pôs-se a imitar Yvette, pavoneando-se de um lado para outro. De repente, ouvem-se tiros de canhão e de fuzil Tambores. Mãe Coragem, o Capelão e o Cozinheiro saem às pressas de trás da carroça, os dois homens ainda de copo na mão. O Artilheiro e um Soldado chegam correndo ao canhão e tentam empurrá-lo.

MÃE CORAGEM — Que foi que houve? Deixem primeiro eu recolher a minha roupa, seus malcriados! *Ela procura salvar a roupa da corda*.

ARTILHEIRO — São os católicos! É um ataque! Não sei se conseguimos sair desta. *Ao Soldado* — Traga o canhão! *Sai correndo*.

COZINHEIRO — Deus do céu, eu preciso ir ver o General! Mãe Coragem, um destes dias eu venho bater um papo. Sai precipitadamente.

MÃE CORAGEM — Espere! Deixou seu cachimbo aqui!

COZINHEIRO — Tome conta, que eu vou precisar dele.

MÃE CORAGEM — Logo agora, que agente começava a ter um lucrozinho…

CAPELÃO — É, eu também vou indo. Pensando bem, com o inimigo assim tão perto, pode ser perigoso. Felizes os que preservam a paz, a gente diz na guerra. Se eu tivesse uma capa para me cobrir…

MÃE CORAGEM — Capas eu não empresto, mesmo que custe a vida: já tive péssimas experiências.

CAPELÃO — Mas eu corro um perigo especial, por causa da minha religião.

MÃE CORAGEM *dá-lhe uma capa* — Eu faço isto contra os meus princípios. Agora, corra!

CAPELÃO — Muito obrigado, é muito generoso de sua parte, mas talvez seja melhor ficar aqui sentado: se eu sair correndo, posso despertar suspeitas e chamar a atenção dos inimigos.

MÃE CORAGEM *ao Soldado* — Deixe isso aí, seu burro! Quem é que vai lhe pagar por isso? Eu fico aqui tomando conta dele, e você vai salvar a sua vida.

SOLDADO fugindo — A senhora é testemunha de que eu fiz o possível.

MÃE CORAGEM — Eu juro! *Vê a filha com o chapéu na cabeça*. Que faz você com o chapéu daquela rameira? Ficou maluca? Faz-me o favor de tirar essa tampa? Agora, que o inimigo vem aí? *Arranca o chapéu da cabeça de Kattrin*. Quer que descubram você, e

façam de você uma prostituta? Até os sapatos calçou, essa babilônia! Tire já esses sapatos! *Tenta tirá-los*. O senhor Capelão me ajude aqui a tirar dos pés dela estes sapatos! Eu volto já! *Corre para a carroça.*

YVETTE aproxima-se, pondo pó de arroz no rosto — Que está dizendo? Os católicos vêm aí? Onde está meu chapéu? Quem amarrotou meu chapéu assim? Assim eu não posso me apresentar, quando os católicos chegarem. Que vão pensar de mim? Nem um espelho eu tenho. *Ao Capelão* — Que tal? Acha que estou com pó demais?

CAPELÃO — Parece muito bem.

YVETTE — E onde estão meus sapatos vermelhos? *Não os encontra, pois Kattrin escondeu os pés debaixo da saia*. Foi aqui que eu deixei. Agora tenho que ir descalça para a minha tenda. É uma vergonha! *Sai*.

Queijinho entra correndo, com um pequeno cofre.

MÃE CORAGEM *vem com as mãos cheias de cinza, e dirige-se a Kattrin* — Aqui está a cinza. *A Queijinho* — Que é que você traz aí?

QUEIJINHO — O cofre do Regimento.

MÃE CORAGEM — Jogue isso fora!

QUEIJINHO — Acabou-se a Intendência. Ficou entregue a mim. *Vai para trás*.

MÃE CORAGEM *ao Capelão* — Tire essa roupa de religioso, senão acabam sabendo quem é, com capa e tudo! *Esfrega com cinza o rosto de Kattrin*. Quieta aí! É só um pouquinho sujo, e você está salva. Que azar! Os sentinelas todos bêbados. A gente precisa pôr a luz debaixo do alqueire, como se diz: um soldado, ainda mais sendo um católico, e uma cara bonita, num instante e mais uma meretriz! Passam uma semana inteira sem comer; depois, na hora do saque, caem todos em cima das mulheres. Agora você já pode passar. Deixe eu dar uma olhada! Nada mau: parece que andou rolando no chão. Não precisa temer: agora não vai lhe acontecer nada. *A Queijinho* — Onde botou o cofre?

QUEIJINHO — Pensei que era melhor deixá-lo na carroça.

MÃE CORAGEM *horrorizada* — O quê? Na minha carroça? Deus não perdoa tanta estupidez! É só eu dar as costas…Vão acabar enforcando nós três!

QUEIJINHO — Então boto o cofre noutro lugar qualquer ou fico com ele.

MÃE CORAGEM — Fique aqui: agora é tarde demais.

CAPELÃO *com a roupa mudada pela metade* — Deus do céu, a bandeira!

MÃE CORAGEM *arriando a bandeira do Regimento* — Puxa, nisso eu nem estava pensando: não vejo outra há vinte e cinco anos!

Os tiros de canhão soam mais alto.

Três dias depois, pela manhã. O canhão desapareceu. Mãe Coragem, Kattrin, Queijinho e o Capelão estão sentados, tristes, comendo.

QUEIJINHO — Já é o terceiro dia que eu passo aqui estupidamente sentado, e o Sargento, que sempre me tratou tão bem, há de estar perguntando, há muito tempo: onde

foi que o Queijinho se meteu com o dinheiro da tropa no cofre?

MÃE CORAGEM — Dê-se por muito feliz de não estarem atrás de você!

CAPELÃO — O que é que eu vou dizer? Não ouso nem fazer meu culto aqui, senão posso me dar mal. Diz-se que o coração, quando está cheio, transborda pelo bico: mas, ai de mim, se transbordar o meu!

MÃE CORAGEM — Pois é isso: e eu aqui, com um que tem crença religiosa e um que tem um cofre… Não sei, dos dois, qual é o mais perigoso.

CAPELÃO — Estamos todos nas mãos de Deus.

MÃE CORAGEM — Não acredito que estejamos tão perdidos assim, mas de noite eu não consigo dormir. Não fosse você, Queijinho, tudo seria mais fácil. Mas acho que ainda posso dar um jeito. Eu já lhes disse que sou contra o Anticristo, o sueco dos chifres, e o chifre esquerdo está um pouco arranhado, sim, que eu já vi. No meio do interrogatório, eu perguntei onde podia comprar umas velas bentas que não fossem muito caras. Dessas coisas eu entendo um pouquinho, porque o pai de Queijinho era católico. Eles não se fiaram muito em mim, mas não têm mascates no Regimento e resolveram fazer vista grossa. Talvez a gente ainda possa dar um golpe: estamos presos, mas é como piolhos em couro cabeludo.

CAPELÃO — O leite aqui é bom. Quanto à quantidade, temos de moderar nosso apetite sueco: afinal, os vencidos somos nós.

MÃE CORAGEM — Vencidos, quem? As vitórias e as derrotas dos graúdos, lá em cima, nem sempre coincidem com as dos pequenos, cá embaixo, de jeito nenhum. Existem casos, até, em que a desgraça dos de baixo chega a ser um sucesso para os de cima: eles só perdem a honra, e mais nada… Me lembro de que uma vez, na livônia, o nosso General levou uma tal surra do inimigo, que eu, na confusão, pude sair arrastando um cavalo branco, e esse cavalo puxou minha carroça durante sete meses, ate o dia em que a vitória foi nossa e houve uma inspeção. De um modo gera], pode-se dizer que tanto a derrota como a vitória, para nós, pequeninos, sempre sai cara. O melhor para nós é quando a polícia não sai do lugar. *A Queijinho* — Coma!

QUEIJINHO — Não estou com vontade. Como é que o Sargento vai pagar os soldos?

MÃE CORAGEM — Quando há fuga, não há soldo a pagar.

QUEIJINHO — Ha, sim senhora: é um direito que eles têm. Sem soldo, não são obrigados a fugir, não têm obrigação de dar um passo.

MÃE CORAGEM — Queijinho, os seus escrúpulos chegam a me assustar. Eu ensinei você a ser honesto, já que esperto você nunca foi muito, mas tudo tem limites. Agora eu vou ali com o Capelão, comprar uma bandeira dos católicos e carne: ninguém escolhe uma carne melhor que ele com todo aquele jeito de sonâmbulo. Acho que ele escolhe os pedaços bons, conforme a boca vai ficando cheia d’água. Ainda bem que me dão licença para continuar o meu negócio: a um negociante não se pergunta a crença religiosa, só se pergunta o preço. E as calças protestantes vestem e aquecem como qualquer outra.

CAPELÃO — Como dizia um frade mendicante, quando parecia que os luteranos iam virar tudo de cabeça para baixo no campo e na cidade: mendigos serão sempre

necessários. *Mãe Coragem desaparece dentro da carroça. Ela está aflita por causa do cofre*. Até agora, nós não fomos descobertos: é como se todos pertencêssemos à carroça… Mas, até quando?

QUEIJINHO — Posso levar o cofre para outro lugar.

CAPELÃO — Isso seria ainda mais perigoso. Se alguém visse você! Eles têm alcaguetes. Ontem de manhã, saiu um de dentro do fosso, bem na minha frente, na hora em que eu ia fazer minhas necessidades. Levei um susto, e mal pude conter um Salmo, que teria sido a minha perdição. Acho que eles gostariam de cheirar até o que a gente caga, para saber se a gente é protestante. O espia era um caolho, com uma pala tapando um dos olhos.

MÃE CORAGEM *descendo da carroça com uma cesta* — Que quer dizer isto que eu encontrei, sua sem-vergonha? *Levanta e exibe triunfante o par de sapatos vermelhos*. Sapatos vermelhos de salto alto, daquela tal Yvette! Surrupiou os dois a sangue-frio, porque o senhor foi meter na cabeça dela que é uma criatura encantadora! *Põe os sapatos na cesta*. Eu vou devolver isto. Ora, roubar os sapatos da Yvette! Que a outra se rebaixe por dinheiro, eu compreendo… Mas você ia querer fazer de graça, só por divertimento… Eu já disse a você: é preciso esperar que venha a paz. E nada de soldados! Espere pela paz, com toda a fidalguia!

CAPELÃO — Não acho que ela seja tão fidalga assim.

MÃE CORAGEM — É até de sobra. Se ela fosse como uma pedra no terreiro, sem nenhum atrativo, eu poderia ficar descansada: a um aleijão ninguém presta atenção, como se diz. A Queijinho — Deixe o cofre onde está, escutou bem? E tome cuidado com sua irmã, que ela está precisando. Vocês acabam me pondo embaixo da terra: eu preferia tomar conta de um saco de pulgas!

Mãe Coragem sai com o CAPELÃO. Kattrin arruma a louça.

QUEIJINHO — Acabaram-se os dias em que a gente podia ficar sentado ao sol, em mangas de camisa. Kattrin aponta para uma árvore. É, as folhas estão amareladas. *Kattrin pergunta, por meio de gestos, se ele quer beber alguma coisa*. Eu não quero beber. Estou pensando. *Pausa*. Ela diz que não dorme. Eu devia levar o cofre para longe daqui: já descobri um bom esconderijo… Aceito, sim: me dê um copo cheio! *Kattrin vai atrás da carroça*. Meto o cofre na toca da toupeira, na beira-rio, até que possa ir tirá-lo de lá, talvez esta noite ainda, antes que clareie o dia; e então entrego o cofre ao Regimento… Será que, em três dias só, eles fugiram para muito longe? O Sargento vai ficar de olhos arregalados: “Queijinho, mas que surpresa agradável, eu lhe confio o cofre e você vem me trazendo de volta”, é o que ele vai dizer.

Ao voltar de trás da carroça, com um copo cheio, Kattrin dá de cara com dois homens: um deles é um Sargento, e o outro, Caolho, com uma pala cobrindo um dos olhos, faz uma mesura com o chapéu.

CAOLHO — Deus a abençoe, boa menina! Viu por aqui um elemento do Segundo Regimento Finlandês?

Kattrin, muito assustada, corre para a frente, entornando a bebida. Os dois homens entreolham-se e se retiram, depois de terem visto Queijinho sentado.

QUEIJINHO saindo de suas meditações — Você entornou a metade. Por que tanta pantomima? Deu com os olhos em alguma coisa ruim? Não compreendo você. Preciso dar o fora: já resolvi, é o melhor a fazer. *Queijinho se levanta*. *Kattrin procura de todos os modos avisá-lo do perigo. Ele apenas a evita.* — Eu bem que gostaria de saber o que você quer dizer: só pode ser alguma coisa boa, minha pobre bichinha, pena que você não pode se expressar. Entornou a bebida? Não faz mal: eu ainda posso beber muitos outros copos, um a mais ou a menos pouco importa. *Retira da carroça o cofre e esconde-o debaixo do casaco*. Eu volto já! Não me segure, senão eu fico zangado. Sinceramente, sei que você me quer bem. Se pudesse dizer alguma coisa…

Como Kattrin procura detê-lo, Queijinho beija-a e desprende-se dela. Sai. Ela, desesperada, corre de um lado para outro, dando gritinhos nervosos. Mãe Coragem e o Capelão estão de volta. Kattrin precipita-se para a mãe.

MÃE CORAGEM — Que foi? Que foi? Você está transtornada! Alguém fez mal a você? E Queijinho, onde está? Kattrin, uma coisa de cada vez: sua mãe compreende. Então aquele bastardo saiu carregando o cofre? Eu ainda pego aquele cão pelas orelhas! Vamos com calma, eu não queria falar: faça sinais com as mãos, que eu não gosto quando você começa a ganir feito uma cadela. O que é que o Capelão há de pensar? Ele está horrorizado… Foi um caolho que esteve aqui?

CAPELÃO — Se foi um caolho, é um alcaguete. O Queijinho está preso? *Kattrin sacode negativamente a cabeça, encolhe os ombros*. Estamos perdidos!

MÃE CORAGEM *tira da cesta uma bandeira católica, que o Capelão hasteia numa vara* — Vamos içar a nova bandeira!

CAPELÃO *com amargor* — Que bons católicos haja aqui e por toda parte!

Ouvem-se vozes lá atrás. O Sargento e o Caolho vêm trazendo Queijinho.

QUEIJINHO — Me larguem! Não tenho nada comigo. Não me destronquem o braço: sou inocente!

SARGENTO — Ele é daqui: vocês sabem quem é!

MÃE CORAGEM — Nós? De onde?

QUEIJINHO — Nem eu conheço essa gente. Sei lá quem são! Eu nunca tive nada a ver com elas. Comi aqui um almoço que me saiu por dez Heller. Vai ver que foi nessa hora que um de vocês me viu sentado aqui… E ainda por cima a comida estava salgada.

SARGENTO — Quem são vocês?

MÃE CORAGEM — Nós somos gente ordeira. E é verdade: ele comeu aqui uma vez e achou que a comida estava salgada.

SARGENTO — Quer me dizer que não conhece este homem?

MÃE CORAGEM — Como é que eu vou conhecer? Não posso saber quem é todo mundo. Eu não pergunto a ninguém como se chama, se é herege ou não. Quem me paga não pode ser herege: você é herege, menino?

QUEIJINHO — Eu não.

CAPELÃO — Ele comeu aí muito calado e só abria a boca para enfiar comida. Deve ser boa gente.

SARGENTO — E quem é esse senhor?

MÃE CORAGEM — Esse é o meu ajudante. E vocês com certeza estão com sede: eu vou lhes dar um copo de bebida. Devem estar com calor, de tanta corrida.

SARGENTO — Não se bebe em serviço. *A Queijinho* — Você ia carregando alguma coisa, que deve ter escondido na beira-rio: o seu casaco estava muito estufado, quando saiu daqui!

MÃE CORAGEM — Tem certeza que foi ele mesmo?

QUEIJINHO — Acho que estão me confundindo com outro: vi um sujeito fugindo com o casaco estufado, mas não era eu.

MÃE CORAGEM — Eu também acho: deve ser algum engano, isso acontece. De homens, eu entendo bem: sou a Coragem, de quem já ouviram falar, todo mundo me conhece. E uma coisa eu lhes digo: esse daí tem cara de gente honesta.

SARGENTO — Nós andamos à procura do cofre do Segundo Regimento Finlandês, e estamos informados da aparência de quem ficou com de. Há dois dias que estamos procurando. E é você!

QUEIJINHO — Não sou, não.

SARGENTO — Já sabe que não tem escapatória, se não nos der o cofre: onde é que está?

MÃE CORAGEM insistindo — Se fosse ele, acho que já teria dado, pois do contrário estaria perdido. Diria logo: “Está comigo, sim, vocês são os vencedores, podem ficar com o cofre”… Ele não é tão estúpido assim. Fale, seu bobo: o Sargento está lhe dando uma chance!

QUEIJINHO — Mas eu não tenho cofre nenhum.

SARGENTO — Venha conosco, então: nós vamos ver. *Levam-no para fora.*

MÃE CORAGEM *aos gritos* — Ele vai falar… Ele não é tão estúpido assim. Não é preciso atracarem o braço dele! *Sai correndo atrás dos três.*

Na mesma noite Kattrin e o Capelão estão lavando copos e areando talheres.

CAPELÃO — Casos como esse, em que uma pessoa é apanhada, não são desconhecidos na história da religião. Estou pensando na Paixão do Nosso Senhor e Salvador. Existe até, sobre isso, uma velha canção. *O Capelão entoa o “Canto das Horas”* —

Na primeira hora do dia

O Senhor foi intimado

A ir, como um criminoso,

Ao pagão Pôncio Pilatos
Que o achou livre de culpa:
Sem razões para matá-lo,
Preferiu mandá-lo a Herodes,
Rei de quem era vassalo.
Na terceira hora, o Filho
De Deus, cuspido e açoitado,
Com uma coroa de espinhos
Viu-se afinal coroado.
Grotescamente vestido,
Foi mais batido Jesus,
E para o seu próprio fim
Teve de levar a cruz.
Na sexta hora, despido,
Foi ele na cruz pregado,
E entre lamentos rezou
Com seu sangue derramado.
Zombaram os circunstantes,
E mais dois crucificados,
Até que o Sol retirou
Sua luz de tais pecados.
Na hora nona, Jesus
Queixou-se de abandonado:
Em sua boca puseram
Vinagre com fel misturado.
Ele então a alma entregou
E toda a terra tremeu,
E o véu do templo rasgou-se
E o rochedo se fendeu.
Na hora da ave-maria
Foram quebrar os joelhos
Dos dois ladrões, e a Jesus

Abriram com lança o peito.

Vendo jorrar sangue e água,

Dele ainda mais zombaram:

Ao santo Filho do Homem,

Foi assim que eles trataram.

MÃE CORAGEM *agitada* — É uma questão devida ou de morte. Mas com o Sargento a gente pode se entender. Só não se pode dar a perceber quem o Queijinho é, senão a gente é cúmplice. O caso agora é dinheiro: onde é que a gente pode conseguir? Yvette não esteve por aqui? Eu me encontrei com ela no caminho: ela havia pescado um Coronel, que talvez queira comprar para ela uma carroça de mascate como a nossa…

CAPELÃO — E a senhora está querendo vender, mesmo?

MÃE CORAGEM — Onde mais eu posso arranjar dinheiro para o Sargento?

CAPELÃO — E vai viver de quê?

MÃE CORAGEM — Aí é que está.

Yvette Pottier entra com um idoso Coronel.

YVETTE abraçando Mãe Coragem — Mãe Coragem querida, que bom voltar a vê-la tão depressa! *Cochichando* — Ele já está quase resolvido. *Alto* — Este aqui é um grande amigo meu, que me orienta nos meus negócios. E, por acaso, eu escutei dizer que a senhora, devido às circunstâncias, estava querendo vender sua carroça. Talvez me interessasse.

MÃE CORAGEM — Vender, não: empenhar! Vamos com calma! Outra carroça não se compra assim tão facilmente, em época de guerra.

YVETTE *desapontada* — Empenhar, só? Pensei que quisesse vender. Assim eu não sei se me interessa. *Ao Coronel* — Qual é a sua opinião?

CORONEL — É a mesma sua, meu bem.

MÃE CORAGEM — A carroça esta só para empenhar.

YVETTE — Eu pensei que a senhora estivesse necessitada de dinheiro…

MÃE CORAGEM *com firmeza* — Do dinheiro eu estou necessitada, mas prefiro gastar os meus pés, até cá em cima, andando atrás de quem me empenhe, a me desfazer dela. Por quê? A carroça é que nos sustenta! É uma boa ocasião para você, Yvette: quem sabe se você descobre outra, agora que você tem um amigo capaz de orientá-la, é ou não é?

YVETTE — É, meu amigo acha que devo aproveitar, mas eu não sei. Se é só para empenhar… *Ao Coronel* — Você também não é de opinião que nós devíamos comprar logo?

CORONEL — É a minha opinião.

MÃE CORAGEM — Então você tem de procurar outra, que esteja à venda, e é bem possível que consiga, se dispuser de tempo e o seu amigo puder ajudá-la, digamos, por uma semana ou duas: é capaz de achar alguma que lhe sirva.

YVETTE — Depois nós vamos sair procurando: eu gosto muito de andar e de comprar coisas, e ainda mais se eu for com você, Pôldi. Vai ser tão divertido, não vai mesmo? Duas semanas passam num instante! E se a senhora conseguir esse penhor, quando é que espera dar o dinheiro de volta?

MÃE CORAGEM — Eu posso pagar em duas semanas, talvez em uma.

YVETTE — Não sei o que fazer, Pôldi chéri, me oriente! Leva o Coronel para um lado. Sei que ela está precisando vender, não é isso o que está me preocupando. E o Tenente, aquele louro, você sabe, está querendo me emprestar esse dinheiro: ele anda como um doido atrás de mim, diz que eu lhe trago a lembrança de alguém. Qual é o conselho que você me dá?

CORONEL — Tome cuidado com esse tenente: não é flor que se cheire, é um aproveitador. Minha boneca, e eu já não falei que quero dar um presente a você?

YVETTE — Não posso aceitar isso de você. Mas, francamente, se você me diz que esse Tenente quer se aproveitar de mim… Pôldi, então eu aceito.

CORONEL — É assim que se fala.

YVETTE — E você me aconselha a ficar com a carroça em penhor?

CORONEL — Eu aconselho.

YVETTE *voltando para perto de Mãe Coragem* — Meu amigo me deu um bom conselho. Prepare-me um recibo, por escrito, me garantindo que a carroça é minha, com todos os pertences, durante duas semanas; vamos dar uma olhada aí nas coisas, e eu depois trago os seus duzentos florins. *Ao Coronel* — Agora você vai para o acampamento, que eu vou depois: preciso examinar minha carroça, para que dela não me tirem nada. *Beija-o, e ele sai*. *Ela sobe na carroça.* Mas as botas são poucas…

MÃE CORAGEM — Yvette, agora não há tempo para revistar sua carroça, se for mesmo sua: você me prometeu falar com o Sargento sobre o caso do Queijinho. Não há um minuto a perder: ouvi dizer que vão levá-lo a Conselho de Guerra dentro de uma hora.

YVETTE — Me deixe fazer a conta só das camisas de linho…

MÃE CORAGEM *segura-lhe a saia e puxa-a para baixo* — Queijinho está em perigo, sua hiena! E nem uma palavra sobre as origens desse dinheiro: faz como se ele fosse amante seu, pelo amor de Deus, do contrário estamos todos perdidos por termos procurado protegê-lo.

YVETTE — Eu pedi ao Caolho para ir lá, e ele deve ter ido, com certeza.

CAPELÃO — Eu ainda acho que não é preciso dar os duzentos florins de uma vez: cento e cinquenta chegam muito bem.

MÃE CORAGEM — Por quê? O dinheiro é seu? Isso é comigo, e o senhor fique de fora! Não vai ficar sem sua sopa de cebolas. Vá lá, Yvette, corra e não faça pechinchas: é uma vida humana! Vai empurrando Yvette.

CAPELÃO — Não quero me meter na sua vida, mas de que é que nós vamos viver? A senhora ainda tem nas suas costas uma filha praticamente inválida!

MÃE CORAGEM — Estou contando com o cofre do Regimento, ó inteligência rara: ao menos a comida do Queijinho ele deve pagar!

CAPELÃO — Acha que a moça vai se sair bem?

MÃE CORAGEM — É do interesse dela que eu fique sem os duzentos florins e ela possa ficar com a carroça. Ela é muito sabida: quem sabe quanto tempo vai poder segurar o Coronel? Kattrin, areie os talheres, apanhe a pedra-pomes! E o senhor, não fique aí também como Jesus no Horto das Oliveiras: mexa-se, lave os copos! De noite vamos ter aqui, no mínimo, cinquenta cavalheiros, e aí eu vou mais uma vez ouvir: "Eu não estou acostumado a correr, no meu culto eu não corro"… Acho que vão soltar o meu Queijinho: graças a Deus que eles são tão venais! Não são lobos da estepe: são homens que dão valor ao dinheiro! A corrupção dos homens é como a misericórdia de Deus: a única coisa com que podemos contar. Enquanto da existir, as sentenças serão benevolentes e uma pessoa inocente ainda poderá ter esperança de se livrar de uma condenação.

YVETTE *entra ofegante* — Eles só querem aceitar duzentos, e tem que ser depressa! O negócio já não depende deles. É melhor eu ir logo com o Caolho ver o meu Coronel. Queijinho já confessou que o Cofre estava com ele: foi torturado. Mas tinha jogado o cofre no rio, quando sentiu que estava sendo seguido. E lá se foi o cofre! Quer que eu vá correndo buscar o dinheiro com meu Coronel?

MÃE CORAGEM — Mas o cofre sumiu? E de onde é que eu vou tirar de novo meus duzentos florins?

YVETTE — Ah, era nisso que estava pensando: em apanhar o dinheiro do cofre? E eu já prontinha para cair nessa! Pois perca as esperanças: se ainda quer o Queijinho de volta, pague por ele! Ou prefere, talvez, que eu deixe toda essa questão de lado, para a senhora ficar com sua carroça?

MÃE CORAGEM — Com essa eu não contava. Não precisa insistir, quem vai ficar com a carroça é você, ela já está praticamente perdida. Vinha comigo há dezessete anos! Eu só quero pensar mais um pouquinho. Aconteceu tudo tão de repente… O que é que eu faço? Duzentos florins eu não posso dar você, devia ter regateado. Preciso ficar com alguma coisa, senão qualquer vagabundo pode me jogar no fosso… Vá lá e diga que eu só posso dar cento e vinte florins, e mesmo assim já vou ficar sem a carroça.

YVETTE — Eles não vão aceitar. O Caolho já está que não se aguenta de tanta pressa, olhando aflito por todos os lados. Não é melhor eu dar logo os duzentos todos?

MÃE CORAGEM *desesperada* — Tudo eu não posso dar. Há trinta anos que eu trabalho nisso. Aquela ali já está com vinte e cinco, e ainda não tem um homem que a sustente. Eu não tenho, também. Sei o que estou fazendo, não insista: diga a eles que é cento e vinte ou nada!

YVETTE — A senhora é quem sabe. *Sai às pressas*.

Mãe Coragem não olha para o Capelão nem para a filha, e senta-se para ajudá-la a arear os talheres.

MÃE CORAGEM — Cuidado para não quebrar os copos, que eles já não são nossos. Preste atenção no serviço: assim vai se cortar! Queijinho vai voltar, sim: se for preciso, eu dou os duzentos florins. Você não vai ficar sem seu irmão. Com oitenta florins, a gente bem que podia comprar uma mochila cheia de mercadorias, e recomeçar tudo do princípio. A gente sempre pode dar um jeito.

CAPELÃO — Como se diz: Deus escreve direito por linhas tortas.

MÃE CORAGEM — Isso, a gente deve arear a seco. *Areiam os talheres em silêncio; De repente, Kattrin, soluçando, corre para trás da carroça.*

YVETTE *chega correndo* — Assim eles não aceitam. Eu avisei a senhora. O Caolho já estava indo embora, achando que já não valia a pena. Disse que só esperava mais um pouquinho, e que os tambores já iam rufar: sinal de que a sentença fora dada. Ofereci cento e cinquenta florins, mas ele nem encolheu os ombros. A muito custo eu consegui convencê-lo a esperar mais um pouquinho, enquanto eu vinha aqui falar com a senhora mais uma vez.

MÃE CORAGEM — Pode dizer que eu dou os duzentos florins. Mas vá correndo! *Yvette sai correndo. Os três sentam-se calados. O Capelão suspende a lavagem dos copos*. Parece que eu perdi tempo demais, regateando.

Ouvem-se longe os tambores. O Capelão levanta-se e vai lá para trás. Mãe Coragem continua sentada. Escurece. Cessa o rufar dos tambores. A claridade volta. Mãe Coragem está sentada no mesmo lugar.

YVETTE *aparece muito pálida* — Pronto, a senhora fez um bom negócio: pode ficar com a sua carroça. Ele ganhou onze balas, mais nada. A senhora não merece que eu lhe dê a mínima importância. Mas eu peguei no ar uma conversa de que eles não acreditam que o cofre esteja no fundo do rio. Desconfiam que esteja por aqui e, além do mais, de que a senhora tinha ligações com ele: já vão trazer o corpo para cá, pois querem ver se a senhora se trai quando olhar para o morto. Estou só avisando, para fingir que não sabe quem é; senão, vocês estão todos perdidos. Ouça o que eu digo: eles devem estar chegando. Não quer que eu leve Kattrin para longe? *Mãe Coragem faz que não, com a cabeça*. Ela já sabe? Talvez não tenha escutado os tambores ou não tenha entendido.

MÃE CORAGEM — Vá buscá-la. Ela sabe.

Yvette vai buscar Kattrin, que se encaminha para junto da mãe e aí fica em pé, imóvel. Mãe Coragem dá a mão à filha. Dois Soldados de Infantaria entram com uma padiola, onde jaz alguma coisa coberta com um lençol. Ao lado, o Sargento. Pousam a padiola no chão.

SARGENTO — É um elemento de quem nem o nome sabemos. Mas é preciso ficar registrado, para que tudo continue em ordem. Ele uma vez fez uma refeição aqui, com a senhora. Dê uma olhada, para ver se o reconhece! *Retira o lençol.* Sabe quem é? *Mãe Coragem nega com sinal de cabeça*. Nunca o viu, antes de ele vir comer aqui? *Mãe Coragem abana a cabeça, negativamente.* Podem levá-lo. Joguem na vala comum: não há ninguém que saiba quem ele é.

Os Soldados saem levando o morto.

4

MÃE CORAGEM E A “CANÇÃO DA GRANDE CAPITULAÇÃO.

Defronte de uma tenda de oficiais Mãe Coragem aguarda. Da tenda, um Escrevente vem espiar cá fora.

ESCREVENTE — Eu sei quem você é: andou dando refugio a um Intendente dos protestantes. Acho melhor não dar parte nenhuma…

MÃE CORAGEM — Dou parte, sim. Eu estou inocente, e, se deixo passar, pode até parecer que eu tenho algum peso na consciência. Fizeram em farrapos, com as espadas, tudo o que eu tinha na minha carroça, e ainda por cima arrancaram de mim quinze marcos de multa, assim sem mais nem menos.

ESCREVENTE — Estou avisando para o seu bem: cale esse bico! Os mascates que temos não são muitos, e nós deixamos que a senhora continue com seu negócio, principalmente se tiver algum peso na consciência e vez por outra pagar uma multa.

MÃE CORAGEM — Quero dar parte.

ESCREVENTE — Bem, se a senhora quer, então espere o senhor Capitão estar desocupado. *Toma a entrar na tenda.*

JOVEM SOLDADO *entra fazendo escândalo* — Bouque la Madonne! Onde é que está esse cachorro desse Capitão? Ficou com meu dinheiro e bebeu tudo com os homens dele! Está mal arranjado!

SOLDADO MAIS VELHO *entra correndo atrás do primeiro* — Cale esse bico! Assim você vai em cana!

JOVEM SOLDADO — Venha cá fora, ladrão! Vou lhe quebrar as costelas! Quer ficar

com a minha recompensa, depois de eu ter mergulhado no rio, eu sozinho, de todo o Regimento? E eu afinal não vou poder pagar nem uma cervejinha? Isso eu não deixo ficar assim, não! Venha cá fora: quero picar você em pedacinhos!

SOLDADO MAIS VELHO — Minha Nossa Senhora: está perdido!

MÃE CORAGEM — Não pagaram a recompensa, foi?

JOVEM SOLDADO — Me deixe, ou eu acabo com você também! Acabo com tudo, de uma vez só!

SOLDADO MAIS VELHO — Ele salvou o cavalo do Capitão, e não querem pagar a recompensa… É muito jovem, e está neste negócio há pouco tempo.

MÃE CORAGEM — Deixe o rapaz! Ele não é nenhum cachorro para se amordaçar. A recompensa que ele esperava ganhar é inteiramente justa: senão, por que haveria de se arriscar?

JOVEM SOLDADO — Para esse ai ficar bebericando, ai dentro! São todos uns cagões! O que eu fiz não é para qualquer um, e agora eu quero minha recompensa!

MÃE CORAGEM — Rapaz, não grite comigo: eu já tenho com que me preocupar. E, além do mais, era melhor você poupar a sua voz enquanto o Capitão não aparece: se ele chegar e você estiver rouco, incapaz de dizer uma palavra, ele não vai poder ter o gostinho de pôr você em cana até apodrecer. Gente que grita à-toa, desse jeito, não pode aguentar muito, nem meia hora: depois, fica tão exausta que tem de ser ninada até dormir.

JOVEM SOLDADO — Eu não estou exausto, e ninguém vai me fazer dormir: quero é comer! O pão eles preparam com bolota e grão de cânhamo, e esse mesmo ainda querem racionar. O meu dinheiro, esse dai gasta com meretrizes; e eu que fique com fome? Isso tem de acabar!

MÃE CORAGEM — Eu compreendo: você está passando fome… No ano passado, o General de vocês mandou vocês saírem das estradas, em marcha pelos campos, sapateando sobre as plantações de trigo… Eu podia ter ganho dez florins em cada par de botas, se alguém tivesse dez florins para pagar e botas eu tivesse para vender… Ele pensava que no ano seguinte não estaria mais neste lugar: mas está aqui ainda c a fome é grande. Eu compreendo que você esteja com raiva.

JOVEM SOLDADO — Não admito! Diga o que disser, eu não tolero injustiça!

MÃE CORAGEM — Você tem razão: mas, por quanto tempo? Por quanto tempo é que não tolera injustiça? Por uma hora, ou duas? Pense bem! Nunca se perguntou isto, embora seja a coisa mais importante: porque é uma desgraça, na prisão, quando a gente percebe de repente que já está tolerando a injustiça…

JOVEM SOLDADO — Não sei por que fico lhe dando ouvidos. Bouque ta Madonne! Onde é que está esse Capitão?

MÃE CORAGEM — Você me escuta porque sabe muito bem de tudo o que eu lhe digo. A sua raiva toda já passou: era fogo de palha! E você precisava de uma raiva que durasse bastante; mas, onde ir procurá-la?

JOVEM SOLDADO — A senhora está querendo dizer que não é justo eu exigir a

recompensa?

MÃE CORAGEM — Pelo contrário. Eu só estou dizendo que a sua raiva não vai durar muito, e que o senhor assim não consegue nada, e é uma pena. Se a sua raiva fosse das maiores, eu ainda era capaz de atiçar: “Vá lá, faça esse cachorro em pedaços!”, eu seria capaz de aconselhar… Mas, e depois? E se o senhor não o fizer

mesmo em pedaços? E se o senhor meter o rabo entre as pernas, como eu já estou vendo o jeito? Quem fica mal sou eu e o Capitão vai às forras em mim.

SOLDADO MAIS VELHO — Tem razão, senhora: ele faz muito é barulho, mais nada.

JOVEM SOLDADO — Eu vou mostrar se faço esse cachorro em pedaços ou não! Desembainha a espada. É só ele aparecer!

ESCREVENTE dando uma espiada para fora — O Capitão jã vem. Sentem-se aí!

O Jovem Saldado senta-se.

MÃE CORAGEM — Sentou-se logo. Estão vendo? É como eu dizia! O senhor não sabe aguentar-se em pé. Eles nos conhecem bem e sabem como nos tratam: “Sentem-se!”, e nós sentamos. De quem se senta não vem revolta nenhuma… Não adianta levantar- se , agora: nunca mais voltaria a estar de pé como estava ainda há pouco. Não precisa ficar encabulado por minha causa: eu também sou assim, não sou nada melhor. Já nos compraram todo o nosso brio. Se me oponho posso prejudicar meu negócio. Eu vou contar para vocês a história da Grande Capitulação. Mãe Coragem canta a “Canção da Grande Capitulação”

Outrora, no verdor dos meus primeiros anos,

Eu também me julgava muito especial.

(Jamais como qualquer menina de família, com a minha aparência e o meu talento, e as minhas sublimes aspirações!)

Em minha sopa eu não admitia um fio de cabelo,

E comigo não havia ninguém que tivesse vantagem!

(Tudo ou nada, com o primeiro nunca, cada qual é o ferreiro do seu próprio destino, a mim ninguém dá ordens!)

Mas o estorninho em cima do telhado Piava: espera alguns anos!

E acompanhas a procissão A passo certo, lento ou não,

A tua voz baixando bem:

— Ele já vem!

Depois* uma confusão:

O homem põe, Deus dispõe,

E acabou-se a discussão!

Antes de ter-se mais um ano findo,

A minha pílula aprendi a ir engolindo.

(Com dois filhos de colo, e o preço do pão, e tudo o que de nós pedindo sempre vão!)

E como eram comigo duros como o Diabo,

Eles me estavam sempre nas pernas ou no rabo.

(A gente tem de entender as pessoas, uma mão lava a outra, com a cabeça não se atravessa a parede!)

E o estorninho em cima do telhado Piava: nem um ano!

E da acompanha a procissão A passo certo, lento ou não,

A voz dela baixando bem:

— Ele já vem!

Depois, uma confusão:

O homem põe, Deus dispõe,

E acabou-se a discussão!

Muitos já vi se arrojarem ao céu, sem achar pela frente Nenhuma estrela bastante distante ou grande o suficiente. (Vence o melhor, a força de vontade é meio caminho andado, o que atrapalha é deixado de lado!)

E tanto remexeram por céu e terra e mar, que nem - O peso de um chapéu de palha podiam suportar.

(A gente deve erguer as mãos para o alto!)

E o estorninho em cima do telhado Piava: espera alguns anos!

E eles acompanham a procissão A passo certo, lento ou não,

A voz deles baixando bem:

— Ele já vem!

Depois, uma confusão:

O homem põe, Deus dispõe,

E acabou-se a discussão!

MÃE CORAGEM *ao jovem Soldado* — Por isso, eu acho que você devia ficar com a espada desembainhada, se está mesmo disposto e se sua raiva é suficientemente grande, pois a sua causa é justa e eu estou de acordo… Mas, se a sua raiva é miúda, o melhor é você ir dando o fora!

JOVEM SOLDADO — Lamba-me o rabo! Sai tropeçando e o Soldado Mais Velho acompanha-o.

ESCREVENTE pondo a cabeça fora da tenda — O Capitão está aí: pode dar parte!

MÃE CORAGEM — Mudei de ideia: não vou dar parte nenhuma! *Sai*.

5

PASSADOS DOIS ANOS. A GUERRA ESTENDE-SE A TERRITÓRIOS CADA VEZ MAIS DISTANTES. NUM VIAJAR SEM DESCANSO, A PEQUENA CARROÇA DE MÃE CORAGEM ATRAVESSA A POLÔNIA, A MORÁVIA, A BAVIERA, A ITÁLIA, E OUTRA VEZ A BAVIERA. ANO: 1631. A VITÓRIA DE TILLY, EM MAGDEBURGO, CUSTA A MÃE CORAGEM QUATRO CAMISAS DE OFICIAIS.

Numa aldeia arrasada pelo bombardeio.

Ao longe, ouve-se fracamente uma música militar. Dois Soldados, no balcão, são servidos por Mãe Coragem e Kattrin; um deles está vestido com um casaco de peles feminino.

MÃE CORAGEM — O quê? Não pode pagar? Sem dinheiro, não tem bebida. Ficam tocando hinos de vitória, mas os soldos não pagam.

PRIMEIRO SOLDADO — Quero a minha bebida! Eu cheguei muito tarde para o saque. O General ficou nos embromando e só nos deu uma hora para saquear a cidade. Ele não é um bárbaro, dizia: os da cidade devêm tê-lo subornado.

CAPELÃO *entra cambaleando* — Naquela casa ali ainda há feridos: é a família do camponês. Me ajude, alguém: preciso de pano branco.

O Segundo Soldado sai com o CApelão. Kattrin entra em grande inquietação e tenta convencer a Mãe a dar um pouco de pano.

MÃE CORAGEM — Não tenho pano nenhum. As ataduras, eu já vendi todas ao Regimento. Minhas camisas para oficiais não vou rasgar por causa dessa gente.

CAPELÃO *aos gritos* — Eu preciso de pano branco, já falei!

MÃE CORAGEM *sentando-se na escada, para barrar a entrada de Kattrin na carroça* — Eu não dou nada: eles não têm dinheiro, não vão me pagar nunca!

CAPELÃO *debruçado sobre uma mulher que ele trouxe consigo* — E a senhora, por que ficou no meio do fogo dos canhões?

CAMPONESA *com voz fraca* — A casa…

MÃE CORAGEM — Esses não abrem mão de coisa alguma. E eu é que vou pagar? Não é comigo!

PRIMEIRO SOLDADO — São protestantes… Por que haveriam de ser protestantes?

MÃE CORAGEM — Eles lá querem saber de religião? A casa deles é que foi embora!

SEGUNDO SOLDADO — Não são protestantes não: são católicos, também!

PRIMEIRO SOLDADO — Nós não podíamos vir cá buscá-los, no meio daquela fuzilaria.

CAMPONÊS *entra acompanhado pelo Capelão* — Eu vou ficar sem braço!

CAPELÃO — Onde está o pano branco?

Todos olham para Mãe Coragem, e ela não se mexe.

MÃE CORAGEM — Eu não tenho nenhum que possa dar… Com todos os impostos, taxas, juros, e ainda os subornos! *Kattrin, emitindo sons guturais, levanta uma tábua e ameaça a mãe*. Ficou maluca? Largue essa tábua, sua desgraçada, antes que eu pegue você! Eu não dou nada, não tenho nada com isso: eu tenho de cuidar bem é de mim! *O Capelão tira-a dos degraus da escada e coloca-a sentada no chão; depois, apanha na carroça umas camisas e as rasga em tiras.* Minhas camisas! Meio florim cada uma! Estou arruinada!

Da casa chega um choro de criança

CAMPONÊS - O bebê ainda está lá dentro!

Kattrin corre em direção à casa.

CAPELÃO à Camponesa — Fique tranquila: já foram buscar…

MÃE CORAGEM — Não deixem minha filha! O telhado é capaz de desabar!

CAPELÃO — Eu é que não vou mais lá.

MÃE CORAGEM *indo de um lado para outro* — Não desperdice minhas camisas tão caras!

Kattrin *volta, embalando um recém-nascido*.

MÃE CORAGEM, — Afinal, arranjou outro bebê para andar carregando? Entregue já essa criança à mãe, antes que eu tenha de brigar mais uma vez, horas e horas, até arrancá-la das suas mãos! Está me ouvindo? Ao Segundo Soldado — Não fique ai, de olhos arregalados: aproveite e vá lá dizer a eles que parem com essa musical Já sabemos que são os vencedores. Essas vitórias só me trazem prejuízos.

CAPELÃO *com as ataduras* — O sangue já vai parar.

Kattrin *embala o bebê e balbucia uma canção de ninar*…

MÃE CORAGEM — Lá está ela, feliz no meio de tanta desgraça: daqui a pouco vai entregar a criança, a mãe já está voltando a si. *Avista o Primeiro Soldado, que descobriu as bebidas e vai saindo com uma garrafa*. Você aí, seu animal, ainda está querendo outras vitórias? Tem de pagar!

PRIMEIRO SOLDADO — Eu estou duro!

MÃE CORAGEM *arranca-lhe dos ombros o casaco de peles* — Então, deixe o casaco: de qualquer modo, foi roubado mesmo!

CAPELÃO — Ainda tem gente embaixo dos escombros.

6

DIANTE DA CIDADE DE INGOLSTADT, NA BAVIERA, MÃE CORAGEM ASSISTE AOS FUNERAIS DE TILLY, GENERAL DO IMPÉRIO, MORTO EM COMBATE. FALA-SE DE HERÓIS E DA DURAÇÃO DA GUERRA. O CAPELÃO LAMENTA QUE SUAS HABILIDADES NÃO SEJAM APROVEITADAS, E KATTRIN GANHA OS SAPATOS VERMELHOS. ANO: 1632.

No interior de uma tenda de mascate.

Vê-se, por trás, um balcão de bebidas. Está chovendo. Ao longe, tambores e música fúnebre.

O Capelão e o Escrevente do Regimento jogam damas. Mãe Coragem e Kattrin fazem um balanço das suas mercadorias.

CAPELÃO — Já está se pondo a caminho o cortejo fúnebre.

MÃE CORAGEM — Coitado do General!… Vinte e dois pares de meias… Dizem que ele foi morto por azar: caiu um nevoeiro, e foi por isso. O General ainda chamou um Regimento, com ordens de lutar até o último homem; depois voltou atrás, mas, com o nevoeiro, o cavalo perdeu a direção, e ele foi parar bem na linha de frente, no meio da batalha. Levou um tiro… E agora, só quatro lanternas? Vem do fundo um assobio, e ela vai ao balcão. É uma vergonha, vocês aqui não irem ao enterro do seu General morto! *Serve as bebidas*.

ESCREVENTE — Não deviam ter pago o pessoal antes do enterro: agora todo mundo está bebendo, em vez de acompanhar o funeral.

CAPELÃO *ao escrevente* — E o senhor também não devia ir?

ESCREVENTE — Foi por causa da chuva que eu não fui.

MÃE CORAGEM — O seu caso é bem outro: não queria molhar seu uniforme! Ouvi dizer que iam mandar tocar os sinos, na hora do funeral, mas depois descobriram que as igrejas tinham sido arrasadas por ordens dele; e assim o coitado do General não vai ouvir nenhum sino tocar quando estiver sendo baixado à cova. Em vez dos sinos, estão querendo dar três tiros de canhão, para o enterro não ficar muito sem graça… Só de correias, ele tinha dezessete!

VOZES *do balcão* — Ei, dona, uma pinga!

MÃE CORAGEM — O dinheiro na frente! Também não vão entrar na minha tenda com essas botas cheias de lama! Bebam lá fora, com chuva ou sem chuva! *Ao Escrevente* — Aqui só entra gente graduada. Ouvi dizer que o General, ultimamente, andava preocupado; parece que houve motim no Segundo Regimento, porque ele não mandou pagar os soldos, dizendo que esta era uma guerra santa e deviam fazer tudo de graça…

Marcha fúnebre. Todos olham para o fundo.

CAPELÃO — Agora estão desfilando diante do ilustre defunto.

MÃE CORAGEM — Os generais e imperadores me dão pena: esse talvez estivesse pensando que fazia uma coisa extraordinária, que no futuro as pessoas comentariam, e que ele iria ter um monumento: a conquista do mundo, por exemplo, é grande coisa para um general, e ele não deve achar outra melhor. No fim, ele se esfalfa e não dá nada certo, por causa das pessoas ordinárias, que talvez com um copo de cerveja e boa companhia já se deem por muito satisfeitas, sem nenhuma ambição mais elevada. Os mais bonitos planos têm falhado por causa da mesquinharia das pessoas a quem caberia pô-los cm prática, e os imperadores não podem fazer nada: ficam na dependência do povo e dos soldados, seja onde for. Tenho razão ou não?

CAPELÃO *rindo* — Mãe Coragem, eu lhe dou toda razão, menos quanto aos soldados: eles fazem o que podem. Nesses dois que estão aí fora, por exemplo, bebendo a sua cachaça na chuva, eu seria capaz de confiar uns cem anos seguidos, fazendo uma guerra depois da outra, e até duas guerras ao mesmo tempo, se necessário fosse: e eu não tenho a formação de um general!

MÃE CORAGEM — O Senhor não estará querendo dizer que a guerra vai acabar?

CAPELÃO — Porque o General morreu? Não seja tão infantil! Existem dúzias de outros iguais a ele: herói é o que não falta.

MÃE CORAGEM — Não é à toa que eu estou lhe perguntando: é que eu estou pensando se devo ou não comprar mercadorias, que agora andam baratas… Mas, se essa guerra acabar, talvez eu tenha que pôr tudo fora.

CAPELÃO — Sei que a senhora está falando sério. Há sempre alguns que andam por ai dizendo: “Aguerra tem de acabar!”. Mas eu lhe digo: não há nenhum sinal de que essa guerra acabe. Naturalmente é possível que haja uma pequena trégua. Talvez a guerra precise de um descanso, ou talvez possa, por assim dizer, sofrer um acidente: disso não está livre, porque nada é perfeito neste mundo. Uma guerra perfeita, da qual se possa dizer que não há nada mais a acrescentar, talvez não exista nunca: de repente pode ver-se em

dificuldades, por algum imprevisto, pois não há homem que possa pensar em tudo. Às vezes é uma coisa insignificante que põe tudo a perder, e depois é preciso fazer tudo para tirar a guerra do atoleiro! Mas os imperadores, reis e papas sempre dão uma ajudinha à guerra, quando há necessidade; ela, portanto, não deve recear nada de grave, e ainda tem pela frente uma longa vida.

SOLDADO *cantando em frente ao balcão —*

Aguardente, taberneira,
Que não hã tempo a perder:
Um cavaleiro do Imperador
Tem muito que combater!
Um duplo, que hoje é dia de festa!

MÃE CORAGEM — Se eu ao menos pudesse acreditar…

CAPELÃO — Pois pense bem: o que é que pode ser contra a guerra?

SOLDADO *cantando ao fundo —*

Traga as mamas, taberneira,
Que não há tempo a perder:
Na Morávia, um cavaleiro
Tem muito que combater!

ESCREVENTE *de súbito* — E a paz, o que vai ser dela? Eu sou lá da Boêmia, e bem que gostaria de voltar para casa.

CAPELÃO — Ah, gostaria? Pois é, a paz! Que será dos buracos, depois que o queijo todo for comido?

SOLDADO cantando ao fundo —

Vamos logo, camarada,
Que não há tempo a esbanjar:
Eu sou da cavalaria
É preciso aproveitar!
A bênção, padre, depressa,
Que pão hã tempo a perder:

Um cavaleiro do Imperador,

Por ele deve morrer!

ESCREVENTE — Não se pode viver muito tempo sem paz.

CAPELÃO — Eu poderia dizer que na guerra também há paz: a guerra tem os seus pontos pacíficos, e atende a todas as necessidades, inclusive as da paz, para compensar, do contrario da não se aguentaria. Na guerra a gente pode dar uma cagada, como se fosse na paz mais profunda: e, entre uma batalha e outra, sempre há lugar para uma cervejinha; e, mesmo em plena ofensiva, sempre se pode tirar um cochilo com a cabeça em cima do cotovelo, o que na trincheira não é difícil. Na hora de um assalto não se pode ficar jogando cartas: mas isso ninguém faz também, em plena paz, na hora de trabalhar na lavoura. E, depois da vitória, há uma porção de possibilidades. Você pode ficar sem uma perna e começar a fazer muito escândalo, como se fosse uma coisa extraordinária; depois você se acalma, ou lhe dão um pileque e aí você se vê pulando novamente, e a guerra nada perde, nem antes nem depois. E quem vai impedir você de procriar, no meio da maior carnificina, atrás de um paiol ou em qualquer outro lugar, sem precisar esperar tanto tempo? Depois a guerra pega os seus filhotes e pode começar tudo outra vez. A guerra tem sempre uma solução, não seja por isso! E, sendo assim, por que haveria de acabar?

Kattrin parou o que estava fazendo, e olha fixamente o Capelão.

MÃE CORAGEM — Então vou comprar as mercadorias. Confio no senhor. *Kattrin atira de repente ao chão um cesto de garrafas e sai correndo.* — Kattrin! Ai, meu Jesus, ela vive esperando pela paz! Eu disse que, quando vier a paz, ela vai ter um homem! *Sai correndo atrás de Kattrin.*

ESCREVENTE *pondo-se de pé* — Ganhei, enquanto o senhor conversava: pode ir pagando!

MÃE CORAGEM *voltando com Kattrin* — Tome juízo! A guerra ainda vai continuar por algum tempo, e nós ainda podemos ganhar algum dinheiro: depois a paz vai ser ainda mais bonita! Você vai à cidade, a menos de dez minutos daqui, e apanha as coisas no Leão de Ouro, só as de mais valor, as outras nós vamos buscar mais tarde com a carroça. Já está tudo combinado: o senhor Escrevente vai com você, fazendo companhia. A maior parte do pessoal está no enterro do General: com você, nada pode acontecer. Vá direitinho, e não se deixe roubar: pense no seu enxoval!

Kattrin amarra um lenço na cabeça e sai com o Escrevente.

CAPELÃO — Entrega a sua filha assim ao Escrevente?

MÃE CORAGEM — Ela não é tão bonita assim para estragar a carreira de um homem.

CAPELÃO — O jeito de a senhora tratar dos seus negócios e ir sempre em frente é uma coisa que eu admiro muito: entendo muito bem por que lhe deram o apelido de Coragem.

MÃE CORAGEM — Quem é pobre, precisa ter coragem, senão está perdido. Até para

sair da cama cedo, e aguentar o rojão! Para lavrar um alqueire de terra, era plena guerra! E ainda pôr mais crianças no mundo, é prova de coragem: porque não há nenhuma perspectiva. Os pobres têm de ser carrascos uns dos outros, e se matarem reciprocamente, para depois se olharem cara a cara: então precisam ter multa coragem. Suportar um imperador e um papa é sinal de uma coragem tremenda, e isso custa a própria vida deles! *Senta-se, tira do bolso um pequeno cachimbo, e começa a fumar.* O senhor bem que podia rachar um pouquinho de lenha…

CAPELÃO *despe contrafeito a jaqueta e prepara-se para rachar lenha* — Eu, na verdade, sou pastor de almas, não sou lenhador.

MÃE CORAGEM — Alma eu não tenho; mas a lenha me faz falta.

CAPELÃO — Que cachimbinho é esse, tão pequeno?

MÃE CORAGEM — É um cachimbo como qualquer outro.

CAPELÃO — Não “como qualquer outro”: é um cachimbo bem conhecido.

MÃE CORAGEM — Será?

CAPELÃO — Esse é o cachimbo do cozinheiro do Regimento de Oxenstjema.

MÃE CORAGEM — Se sabia, por que perguntou com tanto fingimento?

CAPELÃO — Porque eu não sei se a senhora sabia qual o cachimbo que estava fumando. Podia ser que tivesse metido a mão nos seus guardados, buscando a esmo um cachimbo qualquer, e apanhado esse aí por distração.

MÃE CORAGEM — E isso não pode ter acontecido?

CAPELÃO — Mas não aconteceu: a senhora sabe o que está fumando. MÃE CORAGEM — E se Isso for verdade?

CAPELÃO — Mãe Coragem, estou só avisando: é minha obrigação. Talvez nunca mais veja cm sua frente aquele homem, o que não é nada mau, é até bom… A impressão que eu tive dele não foi boa: muito ao contrário.

MÃE CORAGEM — Ora essa: era um homem tão simpático!

CAPELÃO — É aquilo, que a senhora acha simpático? Eu estou longe de desejar mal a ele, mas para mim simpático ele não é: é mais um dom-juan, um tanto esnobe… Olhe bem esse cachimbo, se não acredita em mim: deve admitir que diz muita coisa do caráter dele.

MÃE CORAGEM — Eu não estou vendo nada: só vejo que foi usado.

CAPELÃO — Está todo mordido. É um homem violento! Esse cachimbo é de um homem violento e abrutalhado: pode ver muito bem, se ainda não perdeu todo o discernimento.

MÃE CORAGEM — Não vá rachar o calço da minha carroça!

CAPELÃO — Eu já lhe disse que não tenho prática de lenhador: o meu oficio é o de Pastor de Almas. Aqui, meus dotes e minhas habilidades são mal aproveitados cm trabalhos braçais: nem posso mostrar o valor que têm os dons que Deus me deu. É um

pecado. A senhora nunca me ouviu pregar com um sermão, eu sou capaz de pôr um Regimento em brios a tal ponto que o inimigo fica sendo, para ele, um rebanho de ovelhas! E apropria vida, para os que me escutam, fica igual a uma meia velha e fedorenta, que eles atiram longe, pensando só na vitória final! Deus quis me distinguir com o dom da palavra. Se eu fizer um sermão, a senhora fica sem enxergar e sem ouvir mais nada!

MÃE CORAGEM — Mas eu não quero ficar sem ouvir e sem enxergar nada: que seria de mim?

CAPELÃO — Mãe Coragem, muitas vezes tenho pensado se a senhora, com suas palavras secas, não disfarça um temperamento ardente: a senhora também é um ser humano e tem necessidade de calor…

MÃE CORAGEM — Nossa tenda há de ter calor bastante, se nós tivermos lenha suficiente.

CAPELÃO — Está querendo mudar de assunto. Mas eu também às vezes me pergunto, Coragem, e estou falando serio: o que aconteceria se nós dois estreitássemos um pouquinho mais as nossas relações? Quero dizer: depois que o turbilhão da guerra nos aproximou tão estranhamente…

MÃE CORAGEM — Eu acho que já são bastante estreitas as nossas relações: eu faço a comida que o senhor come e o senhor trabalha um pouquinho para mim, como agora está aí rachando lenha…

CAPELÃO Investindo sobre ela — Sabe o que eu quero dizer com “relações mais estreitas”: comer, rachar lenha, e outras ninharias semelhantes não são relações… Não seja tão dura assim: deixe que fale o seu coração!

MÃE CORAGEM — Não chegue esse machado tão perto de mim, senão as nossas relações ficam estreitas demais!

CAPELÃO — Não leve essas coisas na brincadeira. Eu sou um homem sério, c pense! muito, antes de dizer o que disse.

MÃE CORAGEM — Tome juízo, senhor CAPELÃO! Eu gosto do senhor, não quero ter de lhe passar um sabão. Agora o que me interessa é ir sustentando aos meus filhos e a mim com a minha carroça. Já nem sei mais se é minha essa carroça, e não tenho cabeça para assuntos mais íntimos. Agora, exatamente, com as compras que fiz, acho que estou correndo um grande risco, com o General morto e todo mundo falando em paz. Que vai ser do senhor, se eu ficar arruinada? Está vendo que nem o senhor sabe! Continue rachando nossa lenha, para de noite nós termos um calorzinho, o que já não é pouco em tempos como estes… Mas o que é isso? *Levanta-se. Entra Kattrin, ofegante, com um ferimento na testa, em cima de um olho, carregando uma porção de coisas: pacotes, objetos de couro, um tambor etc.*

MÃE CORAGEM — Que aconteceu? Você foi assaltada, quando vinha de volta? Ela foi assaltada, quando vinha de volta! Se não foi esse da Cavalaria, que estava aqui se enchendo de cachaça! Eu não devia ter deixado você ir… Largue essas coisas no chão! Não é nada de tão grave, o ferimento é só à flor da pele: vou pôr uma atadura, e em uma semana você está boa. Esses sujeitos são piores que animais! *Amarra a atadura sobre o ferimento.*

CAPELÃO — Eu, por mim, não os censuro: em casa, não fazem mal a ninguém. Culpados são aqueles que provocam a guerra e viram as pessoas pelo avesso.

MÃE CORAGEM — Na volta, o Escrevente não veio com você? É assim mesmo: como você é uma moça decente, ninguém lhe dá importância. O ferimento é superficial, nem marca vai deixar. Já está bem amarrado. Agora, fique tranquila: tenho uma coisa guardada para você, você vai ver. Retira de um saco os sapatos altos vermelhos de Yvette Pottier. Então, está vendo? Você queria tanto, e agora eles são seus. Calce depressa, antes que eu me arrependa!… Esse ferimento nem vai deixar marca, embora para mim tanto fizesse. Piore a sorte das raparigas que agradam: os homens só saem de perto delas quando elas não servem para nada. As que não lhes agradam, eles deixam que sigam suas vidas. Eu já vi muitas que eram bonitas de rosto e em pouco tempo estavam tão mudadas que até a um lobo eram capazes de assustar. Nem entre as árvores de uma alameda podem passar sem susto: é muito triste a vida que das levam. E o destino das árvores é o mesmo: as certas e bonitas são derrubadas e recortadas em tábuas, as tortas ficam lá gozando a vida. Até que não seria muito azar você ficar com a cara marcada… Os sapatos ainda estão bonzinhos: passe uma graxa, antes de guardar.

Kattrin deixa os sapatos e mete-se na carroça.

CAPELÃO — Espero que não fique com o rosto deformado.

MÃE CORAGEM — Deve ficar com uma cicatriz: agora não vai adiantar muito esperar pela paz.

CAPELÃO — Não deixou que roubassem coisa alguma.

MÃE CORAGEM — Talvez eu não devesse ter recomendado tanto… Se eu pudesse saber o que se passa dentro daquela cabeça! Ela uma vez passou a noite fora: só uma vez, em todos esses anos. Depois continuou sendo a mesma de antes, mas trabalhando com mais vontade. Eu nunca descobri o que foi que ela fez naquela noite: passei uns tempos dando tratos à bola. *Apanha as coisas trazidas por Kattrin e separa-as com raiva*. A guerra é isto: uma bonita fonte de renda!

Ouvem-se tiros de canhão.

CAPELÃO — O General está sendo enterrado: é um momento histórico!

MÃE CORAGEM — Para mim, é o momento histórico em que minha filha ia perdendo um olho. Com isso, ela fica meio estragada: vai ser difícil arranjar um homem, ela que gosta tanto de crianças… E é muda também por causa da guerra, porque, quando pequena, um soldado enfiou-lhe qualquer coisa pela goela adentro. Eu nunca mais vou rever o Queijinho, e só Deus sabe onde o Eilif está. Maldita seja a guerra!

7

MÃE CORAGEM NO AUGE DA SUA CARREIRA DE VENDEDORA AMBULANTE.

Numa estrada.

Mãe Coragem, com sua filha Kattrin e o Capelão, puxa a carroça, na qual estão penduradas novas mercadorias. Mãe Coragem traz no pescoço um colar de moedas de prata.

MÃE CORAGEM — Não admito que me falem mal da guerra. O que se diz é que ela acaba com os fracos, mas esses já estão mais do que acabados na paz também. E a guerra sabe alimentar a gente dela muito melhor! Canta —

Se a guerra for maior que as tuas forças,

Não hás de estar na hora da vitória:

Ela não é nenhuma transação —

com chumbo é que se faz, com queijo não.

E de que serve a vida sedentária? Os sedentários são os que vão primeiro!

Canta —

Tantos queriam tanta coisa ter,

Que não havia para tanta gente:
Quem procurava uma vida segura,
Só cavou mesmo a própria sepultura.

Muitos eu vi às carreiras saindo,
Na pressa de achar um lugar tranquilo,
Mas estão enterrados — e eu pergunto:
Que foi que ganharam com tudo aquilo?

Saem puxando a carroça.

8

NESSE MESMO ANO, GUSTAVO ADOLFO, REI DA SUÉCIA, MORRE NA BATALHA DE LÜTZEN. PESA AMEAÇA DE PAZ SOBRE OS NEGÓCIOS DE MÃE CORAGEM. EILIF REALIZA MAIS UMA PROEZA E TEM UM FIM IGNOMINIOSO.

Num acampamento.

Amanhecer de verão. Diante de uma carroça, uma Velha e seu Filho; o Filho carrega uma grande trouxa de roupas de cama.

MÃE CORAGEM *dentro da carroça* — Tem de ser a esta hora da manhã?

FILHO — Nós passamos a noite toda andando, trinta quilômetros; e temos de voltar ainda hoje.

MÃE CORAGEM dentro da carroça — O que é que eu vou lazer dessas roupas de cama? As pessoas não têm nem casa onde morar!

FILHO — Espere, até a senhora ver!

VELHA — Não adianta. Vamos embora!

FILHO — Assim vão pôr nosso teto em leilão, para cobrir os impostos… Ela é capaz de nos dar três florins, se a senhora juntar seu crucifixo… *Sinos dobram*. Escute, mãe!

VOZES *ao fundo* — Paz! O rei da Suécia morreu!

MÃE CORAGEM *pondo para fora da carroça a cabeça ainda despenteada* — Que história é essa de sinos tocando em dia de semana?

CAPELÃO *sai engatinhando de sob a carroça* — Que gritaria é essa?

MÃE CORAGEM — Não me digam que veio a paz, agora que eu comprei tanta mercadoria nova!

CAPELÃO *gritando para o fundo* — É paz, mesmo? É verdade?

VOZ — Há três semanas, e nós sem saber de nada…

CAPELÃO *a Mãe Coragem* — Não fosse isso, por que haveriam de tocar os sinos?

VOZ — Um bando de luteranos chegou à cidade, há pouco, trazendo a novidade.

JOVEM CAMPONÊS — Mãe, a paz! O que é que a senhora tem? *A velha desfalece*.

MÃE CORAGEM *entrando de novo na carroça* — Meu Jesus Cristo! Kattrin, a paz! Ponha o seu vestido preto: vamos à igreja rezar pela alma do Queijinho!… Mas será, mesmo?

JOVEM CAMPONÊS — Todos aqui dizem a mesma coisa: a paz foi assinada! A senhora pode ficar em pé? *A velha levanta-se atordoada.* Vou reabrir meus negócios de arreios: eu prometo à senhora!

Agora tudo vai ficar em ordem. O pai vai ter de novo a cama dele. A senhora já está podendo andar? *Ao Capelão* — Teve um desmaio: foi essa notícia. Ela ainda não pode acreditar que a paz tenha chegado. É o que meu pai dizia… Vamos embora para a nossa casa!

Saem a Velha e o Filho.

MÃE CORAGEM *dentro da carroça* — Dê a eles um gole de aguardente!

CAPELÃO — Foram embora.

MÃE CORAGEM *dentro da carroça* — Que é que está havendo no acampamento?

CAPELÃO — Está juntando gente. Vou até lá… Não é melhor botar a minha vestimenta de pastor?

MÃE CORAGEM *dentro da carroça* — Acho melhor verificar primeiro, antes de se apresentar como um Anticristo. A paz me alegra muito, embora eu talvez fique arruinada. Dos meus três filhos, ao menos dois a guerra me poupou: agora eu vou tomar a ver meu filho Eilif.

CAPELÃO — E quem é que vem vindo pelo caminho do acampamento? Ah, se não é o Cozinheiro do General!

COZINHEIRO *algo desleixado e com um embrulho* — Quem é que eu estou vendo: o Capelão!

CAPELÃO — Coragem, uma visita!

Mãe Coragem desce da carroça.

COZINHEIRO — Eu não lhe prometi que um destes dias vinha bater um papo? Da sua aguardente eu não me esqueci, madame Fierling!

MÃE CORAGEM — Jesus: o Cozinheiro do General! Há quantos anos! Onde está Eilif, o meu filho mais velho?

COZINHEIRO — Não está aqui? Saiu antes de mim e disse que vinha ver a senhora.

CAPELÃO — Vou vestir minha roupa de pastor, esperem um pouquinho!

O CAPELÃO *desaparece atrás da carroça.*

MÃE CORAGEM — Deve chegar então a qualquer momento. *Chama para dentro da carroça* — Kattrin, o Eilif vem aí! Traga um copo de aguardente para o senhor Cozinheiro, Kattrin! *Kattrin não vem*. Puxe uma franja de cabelo em cima da testa, e pronto: o senhor Lamb é de casa. *Vai ela mesma buscar a aguardente*. Ela não quer sair de dentro da carroça: não quer saber de paz, uma coisa que ela esperou demais. Ficou com uma cicatriz na testa, bem em cima de um olho; já quase não se nota, mas ela acha que todo mundo fica olhando.

COZINHEIRO — Pois é, a guerra. *Sentam-se ele e Mãe Coragem.*

MÃE CORAGEM — Senhor Cozinheiro, o senhor me encontrou em mau momento: estou arruinada.

COZINHEIRO — É? Mas que falta de sorte!

MÃE CORAGEM — A paz me deixa com o pescoço quebrado. Eu aceitei um conselho do Capelão e comprei, ainda há pouco, uma porção de mercadorias. O jeito agora é fazer um monte de tudo e me sentar em cima.

COZINHEIRO — Como é que a senhora foi dar ouvidos a esse Capelão? Se eu tivesse podido, teria vindo avisar a senhora antes; mas os católicos não deram tempo… É um parasita, esse Capelão: e agora é ele que está com as ordens aqui?

MÃE CORAGEM — Ele me ajuda a lavar a louça e a puxar a carroça.

COZINHEIRO — Puxa a carroça, com aquela cara? E enquanto isso, também vai fazendo as suas piadinhas: sei como é, e das mulheres a ideia que ele faz não é nada simpática. Bem que eu tentei fazer valer minha influência, mas não adiantou. Não é um homem sério.

MÃE CORAGEM — E o senhor, é sério?

COZINHEIRO — Se não sou sério, não sei o que sou. À sua saúde!

MÃE CORAGEM — Ser sério não é nada. Só tive um homem sério em minha vida, graças a Deus! E nunca precisei me esfalfar tanto. Na primavera, de vendia os cobertores das crianças. E a minha gaita de boca, ele dizia que não era coisa de uma mulher cristã. E se o senhor vem me dizer que é sério, não está se recomendando muito!

COZINHEIRO — A senhora é de pelos nas ventas, e é por isso que eu gosto da senhora.

MÃE CORAGEM — Não venha me dizer que tem sonhado com os pelos que eu tenho nas ventas!

COZINHEIRO — Pois é: estamos os dois aqui sentados, os sinos repicando pela paz, e a sua cachacinha, que só a senhora sabe servir e que já é famosa…

MÃE CORAGEM — Não quero saber dos sinos da paz numa hora destas. Não vejo como vão ser pagos os soldos atrasados: e então, como é que eu fico, com a minha

aguardente tão famosa? O senhor recebeu alguma coisa?

COZINHEIRO hesitante — Precisamente, não. Por isso, debandamos. E eu, nesse caso, pensei comigo: em vez de ficar aqui, eu aproveito e vou visitar os amigos. E agora estou aqui sentado, à sua frente.

MÃE CORAGEM — Quer dizer que o senhor não tem um níquel.

COZINHEIRO — Bem que podiam ir aos poucos acabando com o repique dos sinos… Eu gostaria de começar a fazer algum negócio. Não tenho mais nenhum gosto em cozinhar para os outros: eles querem que eu faça um ensopado de raízes de árvore e solas de sapato, depois me jogam aquilo quente na cara. Ser cozinheiro, hoje em dia, é uma vida de cachorro. Melhor é ir para a frente de combate, mas agora, com essa paz aí… *Reaparece o Capelão, com as suas vestes religiosas.* Depois vamos continuar nossa conversa.

CAPELÃO — Ainda está boa: só dois ou três buraquinhos de traça.

COZINHEIRO — Não sei por que se preocupa tanto: não vai arranjar outro emprego, mesmo. A quem, agora, vai pregar sermão, para dizer que o soldo vale menos que a honra e que a vida é para ser perdida na trincheira? Além de tudo, eu ainda tenho de ajustar umas contas com o senhor como é que foi aconselhar esta senhora a comprar coisas sem necessidade, sob o pretexto de que a guerra é interminável?

CAPELÃO *veemente* — Eu só queria saber o que o senhor tem com isso!

COZINHEIRO — É porque foi uma falta de consciência! Como se atreve a meter o bedelho nos negócios dos outros, com uns conselhos tão indesejáveis?

CAPELÃO — Quem é que está metendo o bedelho, aqui? *A Mãe Coragem* — Eu não sabia que era amiga tão chegada deste senhor, e obrigada a dar satisfações a ele…

MÃE CORAGEM — Não fique aflito: o Cozinheiro está dizendo o que ele acha, é uma opinião pessoal dele… Mas o senhor não vai dizer agora que a guerra não foi um bilhete em branco para o senhor também!

CAPELÃO — Coragem, não devia falar assim da paz: você é uma hiena dos campos de batalha!

MÃE CORAGEM — Eu sou o quê?

COZINHEIRO — Se faltar com o respeito à minha amiga, vai se explicar comigo!

CAPELÃO — Eu não estou falando com o senhor: sei muito bem quais são as suas intenções. A Mãe Coragem — Mas quando vejo você receber a paz com as pontas dos dedos, como se fosse um pedaço de pano podre, eu fico indignado: aí eu vejo que você não quer a paz, e sim a guerra, porque lhe dá lucros… Mas não se esqueça daquele velho ditado: “Se vais comer com o Diabo, leva uma colher de cabo!”

MÃE CORAGEM — Não tenho nada para dar à guerra e ela também não tem nada para me dar. Não admito que me chame de hiena: nós estamos de relações coitadas!

CAPELÃO — Então, por que reclama tanto da paz, quando todos estão aliviados? Só por causa de meia dúzia de molambos que tem nessa carroça?

MÃE CORAGEM — Não são molambos as minhas mercadorias: eu vivo delas, e o senhor também, até agora!

CAPELÃO — Da guerra! E então?

COZINHEIRO ao CAPELÃO — Como um homem de tanta experiência, o senhor devia ter dito a ela que ninguém dã conselhos a ninguém. *A Mãe Coragem* — Na situação em que a senhora está, a melhor coisa que tem a fazer é vender logo as mercadorias antes que os preços vão por água abaixo. Vista-se e ande, não há um minuto a perder!

MÃE CORAGEM — É um conselho bem razoável: aceito e sigo!

CAPELÃO — Só porque foi o Cozinheiro quem falou.

MÃE CORAGEM — E o senhor, por que não me falou antes? Ele está certo: é melhor eu ir ao mercado.

MÃE Coragem *entra na carroça*.

COZINHEIRO — Um ponto a meu favor, senhor pastor. O que lhe falta é presença de espírito. Poderia ter dito, por exemplo, que não estava dando conselho nenhum, estava discutindo alta política… Mas comigo não pode concorrer: uma briga de galos não condiz com a sua vestimenta!

CAPELÃO — Se não calar esse bico, eu o mato, nem quero saber se condiz ou não!

COZINHEIRO *descalçando as botas e desenrolando os panos que lhe envolviam os pés* — Se com a guerra o senhor não tivesse virado um profano tão sem-vergonha, bem poderia agora, com a paz, arranjar facilmente outra paróquia. De cozinheiros ninguém está precisando: não há o que cozinhar. Mas a fé continua, agora e sempre: nisso, não mudou nada.

CAPELÃO — Senhor Lamb, eu só lhe peço uma coisa: não me venha tirar deste lugar! Desde que eu me tomei um sem-vergonha, melhorei muito como pessoa. Já nem sei mais o que é pregar um sermão.

Yvette Pottier entra, vestida de preto, e de bengala, com espalhafato. Está muito mais velha, mais gorda, e muito pintada Atrás dela, um criado.

YVETTE — Alô, pessoal! Isto aqui não é da Mãe Coragem?

CAPELÃO — Exatamente! Com quem temos o prazer…?

YVETTE — Eu sou a coronela Starkenberg, para vos servir. Onde está Mãe Coragem?

CAPELÃO *chamando para dentro da carroça* — É a coronela Starkenberg, Coragem: quer falar com você!

MÃE CORAGEM dentro da carroça — Já estou indo.

YVETTE — Sou eu: Yvette!

MÃE CORAGEM *dentro da carroça* — Ah, Yvette, é você?

YVETTE — Eu vim só ver como a senhora está passando. Ao Cozinheiro, que se voltou com surpresa — Pieter!?

COZINHEIRO — Yvette!?

YVETTE — Mas veja só: que foi que trouxe você aqui?

COZINHEIRO — Uma carroça.

CAPELÃO — Ah, vocês se conhecem? E são íntimos!

YVETTE — Posso dizer que sim. Examina o Cozinheiro. Está mais gordo!

COZINHEIRO — Você também não está muito esbelta.

YVETTE — Até que enfim eu encontrei você de novo, seu malandrão: bem que eu podia dizer o que penso de você…

CAPELÃO — Pode ir dizendo tudo que quiser, espere só a Coragem chegar.

MÃE CORAGEM *sai da carroça com várias mercadorias* — Yvette! *As duas se abraçam*. Mas por que está de luto?

YVETTE — Não fico bem? O coronel, meu marido, morreu faz uns dois anos.

MÃE CORAGEM — Aquele velho, que esteve quase comprando a minha carroça?

YVETTE — O irmão mais velho dele.

MÃE CORAGEM — Pelo menos, você não está mal: já é alguém a quem a guerra fez bem.

YVETTE — Houve altos e baixos, mas parou quando eu estava no alto.

MÃE CORAGEM — Ninguém me venha falar mal dos coronéis: com eles, o dinheiro cresce feito capim!

CAPELÃO *ao Cozinheiro* — Eu, se fosse o senhor, já ia tornando a calçar as botas. *A Yvette* — Senhora coronela, não tinha prometido dizer o que pensa deste senhor?

COZINHEIRO — Yvette, não vá procurar barulho!

MÃE CORAGEM — Yvette, ele é meu amigo.

YVETTE — Esse é o Pieter-Cachimbo.

COZINHEIRO — Apelido não vale. Meu nome é Lamb.

MÃE CORAGEM *rindo* — Pieter-Cachimbo? O que deixava as mulheres malucas? Pois eu fiquei com o cachimbo dele!

CAPELÃO — E até tirava umas baforadas…

YVETTE — Que sorte eu vir aqui e ainda poder prevenir a senhora! Isso aí é o pior que podia haver em todo o litoral da Flandres: contava pelos dedos as que ia atirando na desgraça.

COZINHEIRO — Você já está indo longe demais: isso não é verdade!

YVETTE — Tenha a fineza de se levantar quando estiver falando com uma senhora! E eu que gostava tanto desse homem! Mas ele, enquanto isso, já tinha outra, uma moreninha de pernas tortas, que ele também jogou na rua da amargura, naturalmente…

COZINHEIRO — A você, em todo caso, parece que eu abri as portas da fortuna.

YVETTE — Cale essa boca, monturo de lixo! E a senhora tome cuidado com ele: é desses que ainda continuam perigosos mesmo na decadência!

MÃE CORAGEM a Yvette — Venha comigo! Preciso vender logo os meus bagulhos, de qualquer jeito* antes que os preços calam. Talvez você, com suas relações no Regimento, ainda possa me dar uma ajuda. Grita para dentro da carroça — Kattrin, a gente não vai mais à igreja: vou ao mercado! Se o Eilif aparecer por aqui, dê alguma coisa para ele beber! Sai com Yvette.

YVETTE saindo — Mas vejam, como é que um sujeito desses foi capaz de me desencaminhar! Se ainda fiquei por cima, eu agradeço à minha boa estrela. Pieter-Cachimbo?! Pois eu agora vou estragar os seus planos, e isso algum dia há de contar a meu favor!

CAPELÃO — Eu gostaria de sugerir, como tema da nossa palestra de hoje, aquele antigo provérbio: “Um dia é da caça, outro é do caçador”. Logo o senhor, hein, que reclamava das minhas piadas!

COZINHEIRO — Não tenho sorte, mesmo: essa é que é a verdade! Eu na esperança de uma comida quentinha, morrendo aqui de fome, e aquelas duas lá falando mal de mim, com uma ideia inteiramente errada! Acho melhor eu ir dando o fora logo, enquanto ela não volta.

CAPELÃO — Eu também acho.

COZINHEIRO — CApelão, estou de novo com a paz até o pescoço! A raça humana precisa mesmo passar pelo fogo e pela espada, porque vive em pecado desde o dia em que nasce! Quem me dera poder tomar a assar um pato gordo para o meu General, que Deus sabe onde está, com molho de mostarda e algumas rodelinhas de cenoura…

CAPELÃO — Repolho roxo! Pato é bom com repolho roxo.

COZINHEIRO — Pois é, mas ele gostava com cenouras douradas.

CAPELÃO — Não entendia nada de cozinha.

COZINHEIRO — Mas o senhor também comia satisfeito!

CAPELÃO — Contrafeito.

COZINHEIRO — Em todo caso, deve admitir que eram bons tempos.

CAPELÃO — Eu talvez admita.

COZINHEIRO — Depois de ter chamado a outra de hiena, acho que aqui os bons tempos para o senhor terminaram… Que é que está olhando tão espantado?

CAPELÃO — Eilif…

Com uma escolta de Soldados armados de alabardas, entra Eilif algemado e lívido.

CAPELÃO — Que aconteceu com você?

EILIF — Minha mãe, onde está?

CAPELÃO — Foi à cidade.

EILIF — Ouvi dizer que ela estava aqui, e eles me deram permissão para vê-la.

COZINHEIRO — Para onde vão levar esse rapaz?

SOLDADO — Para nenhum lugar bom.

CAPELÃO — E o que foi que ele fez?

SOLDADO — Ele invadiu a casa de um camponês. A mulher morreu.

CAPELÃO — Como é que foi fazer uma coisa dessas?

EILIF — Só fiz o que eu já tinha feito antes.

CAPELÃO — Mas em tempo de paz?

EILIF — Cale esse bico! Posso me sentar, até minha mãe vir?

SOLDADO — Não temos tempo.

CAPELÃO — Durante a guerra, por ter feito a mesma coisa, você era elogiado, tinha um lugar à direita do General: diziam que era um ato de bravura! E se a gente falasse com o chefe da Corte Marcial?

SOLDADO — Não adianta: é preciso ser bravo para roubar o gado de um camponês?

COZINHEIRO — Foi uma estupidez!

EILIF — Se eu fosse estúpido, tinha morrido de fome, cabeça de camarão!

COZINHEIRO — Mas, como foi espertinho, agora vai ficar sem a cabeça.

CAPELÃO — A Kattrin, pelo menos, devíamos chamar…

EILIF — Não: deixem minha irmã lá dentro mesmo! Prefiro que me deem um gole de cachaça.

SOLDADO — Para isso, não há tempo. Vamos indo!

CAPELÃO — E a sua mãe, o que vamos dizer?

EILIF — Digam a da que eu não fiz nada demais, que eu fiz a mesma coisa. Ou, melhor: não digam nada a ela. *Sai, empurrado pelos Soldados*.

CAPELÃO — Vou com você, nessa difícil caminhada.

EILIF — Eu não preciso de rezadores.

CAPELÃO — A gente nunca sabe. *Sai acompanhando Eilif.*

COZINHEIRO — Eu vou contar à mãe dele: ela talvez ainda queira vê-lo!

CAPELÃO — É melhor não contar. Pode dizer, quando muito, que ele passou por aqui, e que ficou de voltar, amanhã talvez. Enquanto isso, eu devo estar de volta e explico tudo a ela.

O Capelão sai apressado. Balançando a cabeça, o Cozinheiro fica vendo-o afastar-se; depois, começa a andar impaciente de um lado para outro, Afinal, aproxima-se da carroça.

COZINHEIRO — Então, como é? Não quer sair daí? Eu compreendo: está se escondendo da paz. Eu também gostaria. Sou o Cozinheiro do General: não se lembra de mim? Eu me pergunto se não haverá alguma coisa para comer, enquanto sua mãe não vem. Eu bem que gostaria de um pedaço de pão ou de toucinho, só para espantar o tédio. *Espia para dentro da carroça. Kattrin cobriu a cabeça com o cobertor.*

Troar de canhões ao longe.

MÃE CORAGEM *entrando às carreiras, quase sem respirar, e ainda com as mercadorias* — Cozinheiro, a paz acabou de novo! Já faz três dias que estamos de novo em guerra! Ainda não tinha chegado a me desfazer das minhas mercadorias, quando tive a noticia. Graças a Deus! Lá na cidade estão em tiroteio com os luteranos. Temos de dar o fora daqui logo, com a carroça. Kattrin, vamos arrumar os pacotes! *Ao Cozinheiro* — Que cara é essa? Aconteceu alguma coisa?

COZINHEIRO — Nada.

MÃE CORAGEM — Alguma coisa deve ter acontecido: eu estou vendo pela sua cara.

COZINHEIRO — Deve ser porque estamos em guerra de novo: agora mesmo é que, até amanhã de manhã, eu não arranjo nem uma coisinha para esquentar o estômago!

MÃE CORAGEM — Cozinheiro, está pregando mentira!

COZINHEIRO — Eilif esteve aqui. Mas teve de sair logo em seguida.

MÃE CORAGEM — Esteve aqui? Então nós vamos encontrá-lo pelo caminho. Agora eu vou com os nossos. Como está ele?

COZINHEIRO — Como sempre.

MÃE CORAGEM — Aquele nunca há de ser diferente. E nem a guerra pode tirá-lo de mim: é muito esperto. Quem me ajuda a fazer estes pacotes? *Começa a empacotar as mercadorias*. Ele contou alguma novidade? Ainda está em boas relações com o General? Contou mais algum ato de bravura?

COZINHEIRO *lúgubre* — Ouvi dizer que ele praticou mais um, sim.

MÃE CORAGEM — Depois me conte. Agora precisamos ir. *Kattrin aparece*. Kattrin, a paz acabou de novo. E nós vamos embora. *Ao Cozinheiro* — Que houve com você?

COZINHEIRO — Vou me alistar.

MÃE CORAGEM — Eu tenho uma proposta a lhe fazer… Onde está o Capelão?

COZINHEIRO — Foi à cidade, com Eilif.

MÃE CORAGEM — Então, Lamb, venha conosco um bocadinho: eu preciso de ajuda.

COZINHEIRO — Depois daquela história com a Yvette…

MÃE CORAGEM — Aquilo não o desmereceu aos meus olhos. Pelo contrário. Onde há fumaça, há fogo, diz o ditado. Então: não vem conosco?

COZINHEIRO — Não vou dizer que não.

MÃE CORAGEM — O Décimo Segundo Regimento já foi em frente. Entre aí no varal! Tome: aqui tem um pedaço de pão. Nós vamos dar a volta, para alcançar os luteranos por trás. Talvez ainda esta noite eu volte a ver meu filho Eilif: ele é, de todos, o meu preferido. A paz foi curta. Lá vamos nós, outra vez. *Mãe Coragem canta, enquanto Kattrin e o Cozinheiro atrelam-se à carroça —*

De Ulm a Metz, e de Metz à Morávia,
Mãe Coragem está em todo lugar.
A guerra tem sempre pólvora e chumbo
Para os seus contingentes sustentar.
Porém nem só de pólvora e de chumbo
A guerra vive: precisa de gente!
Entrem para o primeiro Regimento
Que aparecer, para que ela se aguente!

9

JÁ ESTÁ DURANDO DEZESSETE ANOS A GRANDE GUERRA RELIGIOSA. A ALEMANHA PERDEU MAIS DA METADE DOS SEUS HABITANTES. VIOLENTAS EPIDEMIAS EXTERMINARAM OS QUE SOBREVIVEM À MORTE NAS BATALHAS. NAS REGIÕES OUTRORA EXUBERANTES CAMPEIA A FOME. LOBOS PERCORREM AS CIDADES REDUZIDAS A ESCOMBROS. NO OUTONO DE 1634, ENCONTRA-SE MÃE CORAGEM NA MONTANHA ALEMÃ DE FICHTEL, LONGE DA ESTRADA POR ONDE PASSA O EXÉRCITO SUECO. NESSE ANO, O INVERNO VEIO CEDO E COM RIGOR. OS NEGÓCIOS VÃO MAL, O JEITO É MENDIGAR. O COZINHEIRO RECEBE UMA CARTA DE UTRECHT E É DESPEDIDO.

Na frente de um presbitério meio destruído.

Manhã nevoenta de princípio de inverno. Rajadas de vento. Mãe Coragem e o Cozinheiro, em peles de ovelha puídas, perto da carroça.

COZINHEIRO — Tudo às escuras, não tem ninguém acordado.

MÃE CORAGEM — Mas é uma residência de pastor protestante. E para tocar o sino, de vai ter de sair da cama. E vai fazer uma sopa quentinha.

COZINHEIRO — Não sei com quê! A aldeia inteira está reduzida a cinzas, como nós vimos.

MÃE CORAGEM — Mas nessa casa tem gente: ainda hã pouco, ouvi um cachorro latir.

COZINHEIRO — Mas o pastor não vai dar nada à gente, mesmo que tenha.

MÃE CORAGEM — Talvez se nós cantássemos…

COZINHEIRO — Já estou saturado. *Repentinamente* — Eu recebi uma carta de Utrecht: minha mãe morreu de cólera-morbo e agora eu sou o herdeiro da estalagem. Não quer acreditar? Olhe aqui a carta! É só para você ver; mas o que minha tia escreve sobre a vida que eu levo, não é da sua conta.

MÃE CORAGEM *lendo a carta* — Lamb, eu também estou cansada dessa vida errante. Eu me sinto como o caixeiro do açougue, que leva a carne para a freguesia e não recebe nem um pedacinho… Não tenho mais nada para vender, e as pessoas também não têm nada com que comprar o meu nada. Na Saxônia, um sujeito esfarrapado queria por força me empurrar uma braçada de volumes de pergaminho em troca de dois ovos: e no Württenberg eu poderia ter ficado com uma charrua em troca de um saquinho de sal. Uma charrua, para eu arar o quê? A terra não dá mais coisa nenhuma, só dá erva daninha! Ouvi dizer que, lá na Pomerânia, os aldeões já estão comendo as crianças pequenas, e que até freiras já foram apanhadas roubando.

COZINHEIRO — É o fim do mundo!

MÃE CORAGEM — Eu às vezes me vejo atravessando o inferno com a minha carroça, vendendo breu: ou então no céu, vendendo viático às almas perdidas… Se eu, com os filhos que me sobraram, ainda pudesse encontrar um lugar onde não houvesse tiroteios, bem que gostaria de viver uns poucos anos de sossego.

COZINHEIRO — Nós dois podíamos abrir a estalagem. Ana, pense bem nisso! Esta noite eu tomei a minha decisão: vou para Utrecht, com você ou sem você, e é hoje mesmo!

MÃE CORAGEM — Preciso falar com Kattrin. Isso me vem assim, de repente, e eu não gosto de tomar decisões quando estou com frio e sem nada no estômago. Kattrin! *Kattrin desce da carroça*. Kattrin, nós precisamos conversar. O Cozinheiro e eu estamos pensando em ir para Utrecht, onde ele herdou uma estalagem. Assim, você vai ter um lugar fixo e poder fazer novos conhecidos. Tem muita gente que sabe dar valor a uma moça séria, não é só a aparência que conta. Por mim, eu estou de acordo: com o Cozinheiro eu me entendo bem. Uma coisa eu já posso dizer dele: para o negócio, tem boa cabeça! A gente sempre tendo o que comer, já é bem bom, não é mesmo? Você também quer ter a sua cama, é ou não é? Não se pode passar a vida inteira batendo estrada. Você um dia pode acabar mal: cheia de piolhos já está. Nós precisamos decidir logo, para termos tempo de alcançar os suecos, indo para o norte; eles devem andar por lá. *Faz um sinal para a esquerda*. Acho que nós já decidimos, Kattrin.

COZINHEIRO — Ana, eu gostaria de lhe falar a sós.

MÃE CORAGEM — Volte para a carroça, Kattrin!

COZINHEIRO — Eu tive de interromper, porque está havendo um mal-entendido da sua parte, pelo que vejo. Há uma coisa que eu não julguei necessário dizer, porque para mim era clara: mas, já que para você não é, acho melhor eu dizer logo, para você não continuar falando em levá-la. Espero que compreenda.

Kattrin, atrás dele, põe a cabeça para fora da carroça e escuta.

MÃE CORAGEM — Está querendo me dizer que eu devo abandonar Kattrin?

COZINHEIRO — Que é que você estava pensando? Não tem lugar para ela na estalagem: não é dessas de três cômodos, não. Se pudéssemos nos aguentar nas pernas, conseguiríamos ganhar o sustento para nós dois, mas não de três, o que é impraticável. Kattrin poderia ficar com a carroça.

MÃE CORAGEM — Eu estava pensando que em Utrecht ela poderia até arranjar um homem.

COZINHEIRO — Arranjar um homem, ela? Não me faça rir! Muda e com toda aquela cicatriz? Naquela idade?

MÃE CORAGEM — Fale baixo!

COZINHEIRO — Fale baixo, ou fale alto, as coisas são como são. E tem mais uma razão para eu não ficar com ela na estalagem: os hóspedes não vão gostar de ter sempre diante dos olhos uma coisa assim! E você não pode levá-los a mal por isso.

MÃE CORAGEM — Cale esse bico! Eu já lhe disse para não falar tão alto.

COZINHEIRO — Tem luz na residência do pastor. Já podemos cantar.

MÃE CORAGEM — Cozinheiro, como é que ela vai puxar a carroça sozinha? Ela tem medo da guerra, não suporta a guerra. Que pesadelos ela deve ter! De noite eu ouço os gemidos dela, ainda mais depois de uma batalha. O que da vê quando sonha, eu não sei. E tem pena de tudo: ainda outro dia encontrei junto dela, na carroça, um ouriço-cacheiro que tínhamos atropelado.

COZINHEIRO — A estalagem é muito pequena. *Aos gritos* — Prezado senhor, criados e pessoas da casa! Nós estamos aqui para cantar a "Canção de Salomão, Júlio César e outras grandes figuras", a quem nada valeu serem o que foram; e assim verão que somos gente decente, e estamos necessitados, passando falta de tudo, principalmente no inverno!

Mãe Coragem e o Cozinheiro cantam —

Com o sábio Salomão

Sabeis o que aconteceu.

Ele via tudo dato:

Maldisse á hora em que nasceu,

Pois viu que tudo era vão.

Grande e sábio Salomão!

Nem era bem noite ainda,

Já se via o resultado

De um saber tão acurado:

É melhor ficar de lado!

COZINHEIRO — Toda virtude é um perigo neste mundo, como ensina esta linda canção: o melhor é não ter virtude alguma, e em vez disso ter uma boa vida, com bastante comida, quero dizer, com uma sopa quentinha. Eu, por exemplo, não tenho uma sopa agora, e gostaria de ter. Sou um soldado, mas de que me vale agora ter sido tão bravo em tantas batalhas? De nada vale, estou passando fome: melhor seria eu ser um borra-botas e ter ficado em casa. É ou não é?

Cantam —

Com o valoroso César

Sabeis o que aconteceu.

Era um deus posto no altar,

E morreu apunhalado

Quando queria ir além.

Gritou: "Filho, tu também?"

Nem era bem noite ainda,

Já se via o resultado De tanto valor mostrado:

É melhor ficar de lado!

COZINHEIRO a meia voz — Eles nem vêm espiar. *Em voz alta* — Prezado dono da casa, criados e moradores: podem dizer que a valentia não é nada, que o que garante a comida do homem é a honradez… Mas o fato é que comem com fartura, ou em jejum pelo menos não ficam. Então, como é?

Cantam —

Sócrates, por honradez,

A mentir nunca aprendeu.

Mas ninguém reconheceu:

Bebeu cicuta, depois

De muita perseguição.

E era um grande cidadão!

Nem era bem noite ainda,

Já se via o resultado

De querer ser tão honrado:

É melhor ficar de lado!

COZINHEIRO — Pois é, dizem que a gente deve ser altruísta c repartir o que tem; mas, se a gente não tem nada? Quem é generoso demais talvez não chegue a viver muito bem; mas aqui vocês veem um que aceita qualquer coisinha… É assim mesmo; a generosidade é uma virtude rara, porque não rende nada a ninguém.

Cantam —

São Martim não suportava
Ver ninguém passando falta.
Viu na neve um pobre homem,
Deu-lhe da capa um babado:
Os dois morreram gelados.
Da terra, nunca quis nada
Nem era bem noite ainda,
Já se via o resultado
De ser tão apiedado:
É melhor ficar de lado.

COZINHEIRO — Conosco, é assim também; nós somos gente decente, ajudamos uns aos outros, não roubamos, não matamos, não botamos fogo cm nada. E o que se pode dizer é que vamos afundando: esta canção se aplica bem a nós, e é difícil achar quem nos dê sopa. Se fôssemos diferentes, assassinos e ladrões, talvez também vivêssemos à farta! Pois as virtudes não dão proveito a ninguém, só sabem atrair perversidades: assim é o mundo, e não devia ser!

Cantam —

Nós somos gente decente,
Fiéis aos Dez Mandamentos.
Nada ganhamos com isso:
Vós, que comeis no quentinho,
Vede a nós, necessitados!
E fomos bravos cruzados!
Nem era bem noite ainda,
Já se via o resultado
De haver pela fé lutado:
É melhor ficar de lado!

UMA VOZ *de cima* — Vocês, aí! Apareçam! Venham tomar uma sopa quente!

MÃE CORAGEM — Lamb, eu não vou poder engolir nada. Não digo que você não tem razão. Mas essa é a sua última palavra? Nós sempre nos entendemos tão bem!

COZINHEIRO — Mas é a minha última palavra. O resto é com você.

MÃE CORAGEM — Então, se o resto é comigo, não vou deixar minha filha sozinha.

COZINHEIRO — Acho que não está sendo sensata, mas eu não posso agir de outra maneira. Não sou um monstro: é que a estalagem é pequena. E agora vamos entrar, senão ficamos sem nada; afinal, nós não cantamos de graça com este frio todo.

MÃE CORAGEM — Vou chamar Kattrin.

COZINHEIRO — Acho melhor você depois trazer alguma coisa para ela. Se aparecermos os três, podem ficar assustados.

Entram os dois na casa. Kattrin desce da carroça, com uma trouxa. Olha para os lados, para ver se os dois foram mesmo embora. Depois estende sobre a roda da carroça uma velha calça do Cozinheiro e uma saia da Mãe, juntas bem à vista. Está pronta para partir com sua trouxa, quando Mãe Coragem toma a sair da casa.

MÃE CORAGEM *trazendo um prato de sopa* — Kattrin! Kattrin! Espere ai! Que é isso? Aonde pensa que vai com essa trouxa? Está perdida de Deus e dos Anjos? *Examina a trouxa*. Embrulhou todas as coisas dela. Você estava escutando? Eu disse a ele que não quero saber de Utrecht, nem de nenhuma porcaria de estalagem: o que é que a gente ia fazer lá? Você e eu não fomos feitas para estalagens! A guerra ainda pode nos render muita coisa. *Avista a calça e a saia*. Você é mesmo uma boba: o que foi que você imaginou, quando eu visse isto e você tivesse ido embora? *Segura Kattrin, que tenta fugir*. Não pense que eu mandei o Cozinheiro andar por sua causa: eu fiz isso por causa da carroça! Eu não posso ficar sem a carroça, depois que já me habituei com ela: por causa dela é que eu não fui com ele, não foi por sua causa! Nós agora vamos para outro lado, e as coisas dele vamos deixar por aí, para ele achar, aquele bobalhão! *Sobe na carroça e joga mais algumas coisas perto da calça*. Assim, ele está despedido do nosso negócio, e eu não vou querer ter nenhum outro. Agora, nós duas vamos em frente! Este inverno também hã de passar, como os outros passaram. Venha atrelar-se logo, é capaz de cair neve!

Atrelam-se as duas à carroça e saem com ela. O Cozinheiro, ao reaparecer, olha perplexo para as suas coisas.

10

DURANTE O ANO DE 1635. MÃE CORAGEM E SUA FILHA KATTRIN ANDAM PELAS ESTRADAS DA ALEMANHA CENTRAL, NO RASTRO DE TROPAS CADA VEZ MAIS ESFARRAPADAS.

Numa estrada.

Mãe Coragem e Kattrin puxam a carroça, e se aproximam de uma casa na qual se ouve uma Voz cantando.

Voz cantando —

Bem no meio do Jardim
Nos deleitava uma rosa,
No mês de março plantada,
Que esplêndida florescia
E em nada nos afligia.
Feliz de quem tem assim
Uma rosa em seu jardim!
Depois, quando a neve cai
E o abeto geme ao vento,
Conosco nada acontece:
Fizemos nosso telhado

De palha e musgo trançado!

Feliz de quem tem um teto

Quando a neve cai direto!

Mãe Coragem e Kattrin, que haviam parado para escutar, saem de novo puxando a carroça.

11

JANEIRO DE 1636. AS TROPAS IMPERIAIS AMEAÇAM A CIDADE LUTERANA DE HALLE. AS PEDRAS ENTRAM EM CENA. MÃE CORAGEM PERDE A FILHA E CONTINUA SOZINHA O SEU CAMINHO. A GUERRA ESTÁ AINDA LONGE DO FIM.

Perto de uma casa de japoneses, com uma cobertura de palha, encostada a uma pedreira. É noite.

A carroça de Mãe Coragem está em muito mau estado. Surgem, do mato, um Alferes e três Soldados.

ALFERES — Eu não quero escutar nenhum barulho. Metam a lança em quem quiser gritar!

PRIMEIRO SOLDADO — Mas vamos ter de chamar alguém, se quisermos um guia.

ALFERES — Bater na porta é um barulho natural: pode parecer uma vaca se esfregando nas tábuas do curral.

Os Soldados batem à porta. Uma Camponesa vem abrir, e eles tapam-lhe a boca. Dois dos Soldados entram na casa.

CAMPONÊS *voz dentro da casa* — Quem é?

Os dois Soldados trazem para fora o Camponês e seu filho.

Alferes apontando para a carroça, onde aparece Kattrin — Uma, ali! *Um Soldado a arrasta para fora da carroça.* — São só vocês? Não mora mais ninguém aqui?

CAMPONESES — Ele é o nosso filho. E essa moça é muda. — A Mãe dela foi fazer compras na cidade. — É o negócio dela: tem muita gente querendo fugir, vendendo coisas por qualquer preço. — São mascates, estão só de passagem.

ALFERES — Eu estou só avisando para ficarem quietinhos: se alguém fizer o menor barulhinho, pode contar com uma lança no rabo! E eu preciso de um que nos ensine o atalho para chegar à cidade. *Aponta o dedo para o Jovem Camponês*. Você aí: venha cá!

JOVEM CAMPONÊS — Eu não conheço atalho nenhum.

SEGUNDO SOLDADO *com sarcasmo* — Ele não conhece atalho nenhum…

JOVEM CAMPONÊS — Para os católicos, não faço nada!

ALTERES ao Segundo Soldado — Encoste a ponta da lança nele!

JOVEM CAMPONÊS *forçado a ajoelhar-se sob a ameaça da lança* — Prefiro a morte.

PRIMEIRO SOLDADO — Eu sei como é que ele toma juízo! *Encaminha-se para o curral. Há duas vacas e um boi*. Preste atenção: se você não ficar bonzinho, eu passo esse gado a fio de espada!

JOVEM CAMPONÊS — O gado, não!

CAMPONESA chorando — Senhor Comandante, poupe o nosso gado, senão nós vamos morrer de fome!

ALFERES — Se ele continuar teimoso assim, adeus boi e adeus vacas!

PRIMEIRO SOLDADO — Acho que vou começar pelo boi…

JOVEM CAMPONÊS *a seus pais* — Eu tenho de ensinar? *A Camponesa faz que sim, com a cabeça*. Então, eu ensino!

CAMPONESA — E muito obrigada, senhor Comandante, por nos ter poupado, por todo o sempre, amém!

O Camponês impede que a Camponesa continue agradecendo.

PRIMEIRO SOLDADO — Eu nem sabia que os bois, para eles, valem mais que tudo!

Guiados pelo Jovem Camponês, o Alferes e os três Soldados seguem seu caminho.

CAMPONÊS — Eu bem que gostaria de saber qual é a intenção deles: não há de ser nenhuma coisa boa!

CAMPONESA — Talvez estejam só espionando… Que é que você vai fazer?

CAMPONÊS *encostando uma escada no telhado e subindo por ela* — Eu quero ver se eles estão sozinhos. *Em cima* — Tem coisa se mexendo lá no mato. E lá no fim da pedreira, também. Eu estou vendo gente de armadura numa clareira. E um canhão. Tem mais de um Regimento. Que Deus tenha misericórdia da cidade e de todos que estão dentro dela!

CAMPONESA — Você está vendo luzes na cidade?

CAMPONÊS — Não. Já estão dormindo. Desce. Se eles entrarem lá, não vão poupar

ninguém.

CAMPONESA — O sentinela vai descobrir a tempo…

CAMPONÊS — O Sentinela da Torre na encosta, eles já devem ter liquidado: senão, estaria tocando a corneta.

CAMPONESA — Se nós fôssemos mais!

CAMPONÊS — Só nós, aqui, com aquela aleijada…

CAMPONESA — Será que não se pode fazer nada?

CAMPONÊS — Nada.

CAMPONESA — A gente ainda podia ir até lá correndo, no escuro da noite…

CAMPONÊS — Até lá embaixo, o lugar está cheio deles. Não podemos fazer nem um sinal…

CAMPONESA — Para depois eles virem aqui e acabarem conosco?

CAMPONÊS — É, não podemos fazer nada mesmo.

CAMPONESA *a Kattrin* — Reze, pobre bichinha, é só rezar! Não podemos fazer coisa nenhuma contra a carnificina. Já que você não pode falar, pelo menos há de poder rezar: Deus há de escutar você, já que ninguém mais escuta. Eu ajudo. *Ajoelham-se as duas, Kattrin atrás dos Camponeses* — Pai Nosso, que estais nos céus, escutai a nossa prece, não deixeis que a cidade sucumba com todos os que estão dentro dela dormindo sem desconfiar de nada! Acordai-os, Senhor, para que se levantem, e vão para as muralhas, e vejam os outros chegando com lanças e canhões, em plena noite, através dos campos, descendo a encosta do morro. *Virando-se para Kattrin*. Protegei nossa mãe, e fazei que a sentinela não durma, e perceba tudo antes que seja tarde demais! Velai também por nosso cunhado, que mota lá com quatro filhos, e não deixeis que sejam mortos: são inocentes e de nada sabem! *A Kattrin, que geme*. O caçula tem menos de dois anos, o mais velho tem sete! *Kattrin levanta-se, perturbada*. Pai nosso, escutai-nos, porque somente Vós nos podeis valer! Nós estamos perdidos, porque somos fracos, não temos lança nem nada, e não podemos nos arriscar, e estamos em Vossas mãos, com o nosso gado e toda a nossa casa, assim como a cidade está em Vossas mãos, com o inimigo cercando as muralhas poderosamente!

Kattrin, *despercebidamente, desliza até à carroça, de onde apanha algo que esconde sob o avental, e sobe, pela escada encostada, ao telhado do curral.*

CAMPONESA *continuando a rezar* — Lembrai-vos das crianças, que estão em perigo, principalmente as mais pequeninas, e dos velhos, que não podem se mexer, c de todas as Vossas criaturas!

CAMPONÊS — E perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos aos que nos ofendem. Amém!

Kattrin, sentada em cima do telhado, começa a tocar o tambor, tirado de sob o avental

CAMPONESA — Jesus, o que ela está fazendo?

CAMPONÊS — Ficou maluca!

CAMPONESA — Depressa, tire a mudinha lá de cima!

O Camponês corre para a escada, mas Kattrin puxa-a para cima do telhado.

CAMPONESA — Ela vai fazer a nossa desgraça!

CAMPONÊS — Pare com isso de uma vez, sua aleijada!

CAMPONESA — Os homens do imperador vão cair em cima de nós!

CAMPONÊS *procurando pedras no chão* — Vai levar uma pedrada!

CAMPONESA — Você não tem compaixão? Você não tem coração? Se eles nos pegam, estamos perdidos! Vão nos esquartejar!

Kattrin, com o olhar fixo na cidade ao longe, continua a tocar.

CAMPONESA *ao Camponês* — Eu bem disse a você: não deixe entrar em nossa casa essa gentinha! Se nós ficarmos sem gado nenhum, o que é que elas têm a perder com isso?

Entram correndo o Alferes, os Soldados e o Jovem Camponês.

ALFERES — Eu vou picar vocês em pedacinhos!

CAMPONESA — Senhor Oficial, a culpa não é nossa: nós não temos nada com isso! Ela subiu no telhado, e nós nem sabemos como! É uma desconhecida!

ALFERES— E a escada, onde esta?

ALFERES a Kattrin — Jogue esse tambor cá embaixo! É uma ordem!

Kattrin continua a tocar.

ALFERES — Vocês são todos iguais: daqui não sai ninguém vivo!

CAMPONÊS — Tem pinheiros cortados, lá no bosque: se a gente apanhasse um tronco e empurrasse a maluca lá de cima…

PRIMEIRO SOLDADO ao Alferes — Com sua permissão, eu queria fazer uma proposta. *Diz alguma coisa ao ouvido do Alferes, que responde afirmativamente com um gesto de cabeça*. *O Soldado dirige-se a Kattrin* — Preste atenção! Vamos fazer uma proposta, para o seu bem: você desce daí e vai conosco até a cidade, agorinha mesmo, nos mostra onde está sua mãe, e a vocês nós não fazemos nenhum mal…

Kattrin continua a tocar o tambor.

ALFERES *empurrando o Soldado* — Ela não tem confiança em você, e não admira, com essa cara! *Fala para cima do telhado* — E se eu lhe der minha palavra de honra? Posso dar, porque sou oficial!

Kattrin toca ainda com mais força.

ALFERES — Ela não respeita nada.

JOVEM CAMPONÊS — Senhor Oficial, não é só por causa da mãe que ela está fazendo isso!

PRIMEIRO SOLDADO — É, mas assim não pode continuar: o pessoal da cidade vai acabar escutando.

ALFERES — Precisamos fazer algum barulho, mais alto que o tambor. Como é que vamos fazer esse barulho?

PRIMEIRO SOLDADO — Temos ordens de não fazer barulho!

ALFERES — É um barulho inocente, imbecil, que não pareça coisa de guerra.

CAMPONÊS — Eu podia rachar lenha com o machado…

ALFERES — Isso: pois rache! *O Camponês apanha o machado e começa a rachar um tronco*. Rache mais! Rache mais! Quanto mais racha, mais defende a própria vida!

Kattrin, para poder ouvir melhor, estava tocando mais baixo.

Então, lançando o olhar por todos os lados, recomeça a tocar com força.

ALFERES *ao Camponês* — Está muito fraco. *Ao Primeiro Soldado* — Vá rachar lenha, você também!

CAMPONÊS — Eu só tenho um machado. *Para de rachar.*

ALFERES — Precisamos botar a casa abaixo. Vamos pôr fogo nela!

CAMPONÊS — Não adianta, senhor Comandante! O pessoal lá da cidade, vendo o fogo, vai saber logo!

ALFERES — Ela está rindo de nós, vejam só! Não admito! Dou logo um tiro e acabo de uma vez com ela! Vão buscar o bacamarte!

Dois Soldados saem correndo. Kattrin continua a tocar.

CAMPONESA — Tenho uma ideia, senhor Comandante! A carroça delas está ali: é tudo o que elas têm. Se ameaçarmos quebrar a carroça, eu acho que ela para de tocar…

ALFERES *ao Jovem Camponês* — Quebrem aquela carroça! *A Kattrin* — Se não parar de tocar o tambor, vamos arrebentar sua carroça!

O Jovem Camponês dá umas batidas fracas na carroça.

CAMPONESA — Como é? Não vai parar com isso, sua besta?

Kattrin, olhando em desespero para a carroça, emite uns sons lancinantes, mas continua a tocar.

ALFERES — Onde é que estão aqueles animais, com o bacamarte?

PRIMEIRO SOLDADO — Lá da cidade não devem estar ouvindo, senão já estariam fazendo fogo com a artilharia deles.

ALFERES *a Kattrin* — Ninguém escuta você, e agora vamos acabar com a sua vida. Pela última vez: pare com isso e jogue esse tambor cá embaixo!

JOVEM CAMPONÊS *jogando fora, de repente, o pau com que estava batendo* — Toque sim, mudinha! Toque mais! Se não tocar, eles estão perdidos. Toque mais! Toque mais!

O Primeiro Soldado atira-o por terra e golpeia-o com a lança.

Kattrin começa a chorar, mas continua tocando.

CAMPONESA *ao Soldado* — Não faça isso com a lança no meu filho! Meu Deus do céu, assim vai acabar com ele!

Entram os outros dois Soldados correndo, com o bacamarte.

SEGUNDO SOLDADO — O Coronel vai espumar de raiva, e nós vamos à Corte Marcial, senhor Alferes!

ALFERES — Atenção! Apontar! *A Kattrin, enquanto o bacamarte é apoiado na forquilha* — Agora é a última vez: pare com esse tambor! Kattrin, chorando, toca o mais alto que pode. Fogo! *Os Soldados atiram. Kattrin, ferida, bate ainda no tambor, cada vez com menos força, e aos poucos tomba sem vida.*

ALFERES — Pronto: acabou-se o barulho!

Mas aos últimos toques de Kattrin respondem os canhões da cidade: ouvem-se ao longe repiques de sinos e ribombos de artilharia.

PRIMEIRO SOLDADO — Ela venceu.

12

NOITE AMANHECENDO. OUVEM-SE TAMBORES E FLAUTINS DE TROPAS QUE SE AFASTAM MARCHANDO

No mesmo local do quadro anterior

Junto à carroça, Mãe Coragem de cócoras ao lado de Kattrin. Os Camponeses estão perto, em pé.

CAMPONÊS *hostil* — Tem de ir embora, minha senhora. Está passando o último Regimento. Depois, sozinha, não vai poder ir…

MÃE CORAGEM — Ela talvez esteja dormindo. *Canta* —

Dorme, dorme, bonequinha!

O que é que mexe na palha?

Se os outros estão chorando,

Aos meus ninguém atrapalha.

Se os outros vestem farrapos,

Você só veste cetim

Trabalhado numa tira

Da saia de um querubim.

Os outros nem têm migalhas,

Mas você tem um manjar:

Se estiver seco demais:

Você pode reclamar!

Dorme, dorme, bonequinha!

Mie Coragem e seus filhos

O que é que mexe na palha?

Um ficou lá na Polônia,

E o outro — que Deus lhe valha!

MÃE CORAGEM — Vocês não deviam ter falado nos filhos do seu cunhado.

CAMPONÊS — Se a senhora não tivesse ido à cidade tratar de negócios, talvez nada disso tivesse acontecido.

MÃE CORAGEM — Agora ela está dormindo.

CAMPONESA — Dormindo, nada: pois não vê que ela está morta?

CAMPONÊS — Agora é hora de a senhora ir andando. Os lobos estão aí mesmo, e os assaltantes, que ainda são piores!

MÃE CORAGEM — Eu sei.

Mãe Coragem vai até a carroça, apanha um pano de saco e cobre a morta.

CAMPONESA — E a senhora agora não tem mais ninguém? Vai para onde?

MÃE CORAGEM — Eu ainda tenho mais um filho: Eilif.

CAMPONÊS *enquanto Mãe Coragem cobre o corpo de Kattrin* — A senhora precisa achar seu filho. Esta, pode deixar por nossa conta: nós vamos dar a ela um enterro decente. Pode ir descansada.

MÃE CORAGEM — Tomem: dinheiro para os funerais!

Mãe Coragem conta algumas moedas na mão do Camponês. O Camponês e seu filho apertam-lhe a mão, e saem levando o corpo de Kattrin.

CAMPONESA *de saída* — Depressa!

MÃE CORAGEM *atrelando-se à carroça* — Espero poder puxar sozinha esta carroça. Acho que vai, quase sem nada dentro. Agora o jeito é começar tudo outra vez.

A distância, passa outro Regimento com flautins e tambores.

MÃE CORAGEM *puxando a carroça* — Esperem por mim!

Ouvem-se vozes cantando ao fundo:

Com seus trancos e barrancos,

A guerra vai se arrastando:

Já está fazendo cem anos,
E ninguém saiu ganhando.
Come lama, veste trapo!
O soldo é de quem apanha
Mas talvez haja um milagre:
Não terminou a campanha.
É primavera. Acorde, homem de Deus!
A neve se derrete.
Estão dormindo os mortos.
Que se aguente nos sapatos
Aquele que não está morto ainda!

FIM

OCR e .rtf **MiltonFi**